



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DO TOCANTINS – FACHTO

---

**DILAMILTON SEBASTIÃO DE PAIVA JUNIOR**

**MULHERES E MATAPINS: A PESCA DO CAMARÃO NA COMUNIDADE  
RIBEIRINHA DE ITAPERUÇU, MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ, 1970 A 2016**

BAIÃO – PARÁ  
JUNHO DE 2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DO TOCANTINS – FACHTO

---

**DILAMILTON SEBASTIÃO DE PAIVA JUNIOR**

**MULHERES E MATAPINS: A PESCA DO CAMARÃO NA COMUNIDADE  
RIBEIRINHA DE ITAPERUÇU, MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ, 1970 A 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de História - FACHTO /UFPA - do Campus Universitário do Tocantins-Cametá como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

BAIÃO – PARÁ

2017

**DILAMILTON SEBASTIÃO DE PAIVA JUNIOR**

**MULHERES E MATAPINS: A PESCA DO CAMARÃO NA COMUNIDADE  
RIBEIRINHA DE ITAPERUÇU, MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ, 1970 A 2016**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. T. Cristina Ribeiro  
Membro da Banca

---

Prof<sup>a</sup>. Msc. Maria Gorete Cruz Procópio  
Membro da Banca

**BAIÃO-PARÁ**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, guia e socorro presente na hora da angústia.

A minha família, em especial, a minha irmã Lucimar Lemos Gonçalves Neta (em memória), que me deixou na noite que voltávamos do festival do camarão da comunidade de Itaperuçu. Hoje com uma grande saudade venho agradecer os 22 anos de convivência que tivemos e o apoio que ela sempre me dedicou. Sei que de onde ela estiver, está muito feliz com a realização deste sonho que tanto esperamos. Obrigado minha eterna sereia!

A todo meu município de Baião, em especial, a comunidade de Itaperuçu. As mulheres pescadoras de camarão da Comunidade, que tiram das águas do majestoso Tocantins o sustento para as suas famílias.

Dedico a todos os meus professores da Universidade Federal do Pará, em especial a minha orientadora professora Doutora Celeste Pinto.

Dedicar algo a alguém é uma forma de agradecer o apoio para que este trabalho possa hoje ser apresentado.

Obrigado a todos pela grande contribuição neste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, por toda força que me concedeu durante todos esses quatro anos, em especial este período de conclusão de curso.

Agradeço aos meus pais, em especial a minha mãe, que durante toda a minha vida escolar sempre esteve presente muitas das vezes puxando minha orelha, mas com boas intenções.

Aos meus avós, especialmente a minha avó Lucimar Lemos, que foi peça fundamental na minha criação. Aos meus tios, primos, irmãos e sobrinhos em especial, meu querido Mizael Vinicius.

Agradeço a minha tia Deise, que por um ano me acolheu em sua casa quando fiz cursinho em Belém.

Aos meus amigos Nilton Lopes (Saci) e Liduina grandes incentivadores educacionais.

Ao meu pai na fé padre Francinaldo. A minhas madrinhas e padrinho, amigos e bem feitores e por fim todos os meus professores que me acompanharam durante toda minha vida escolar.

A todos os professores da Faculdade de História do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, pela partilha de conhecimento. A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto, minha orientadora, por aceitar orientar este trabalho.

Aos meus colegas do curso de História, turma 2013, Polo Universitário de Baião/Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, pelo companheirismo durante os quatro anos de curso.

Jamais terei palavras para agradecer a cada pessoa que contribuiu para realização deste sonho.

Meu Muito Obrigado!

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>A PESCA DO CAMARÃO E O MODO DE VIDA DAS MULHERES PESCADORAS DE ITAPERUÇU</b> .....	<b>12</b>
<b>1.1 Nas correntezas do Tocantins</b> .....	<b>12</b>
<b>1.2 O município de Baião-Pará</b> .....	<b>15</b>
<b>1.3 Comunidade de Itaperuçu</b> .....	<b>18</b>
<b>1.4 Modo de Vida</b> .....	<b>21</b>
<b>1.5 A pesca</b> .....	<b>23</b>
<b>1.6 A importância das Mulheres na Comunidade de Itaperuçu</b> .....	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A PESCA, PESCADORAS E A CULTURA DO CAMARÃO NA COMUNIDADE DE ITAPERUÇU</b> .....	<b>30</b>
<b>2.1 Início da Pesca do Camarão na Comunidade de Itaperuçu</b> .....	<b>31</b>
<b>2.2 Mulheres Camaroeiras de Itaperuçu</b> .....	<b>36</b>
<b>2.3 Acompanhando a Pesca do Camarão com a Dona Rosimeire</b> .....	<b>40</b>
<b>2.4 celebrando a pesca com o Festival do Camarão: Cultura e Tradição Do povo de Itaperuçu</b> .....	<b>44</b>
<b>2.5 O Reconhecimento Profissional das Pescadoras do Camarão de Itaperuçu: Desafios e lutas</b> .....	<b>48</b>
<b>2.6 Sobrevivência e Subsistência: A luta das Mulheres pela Tradição e Conservação da Pesca do Camarão</b> .....	<b>51</b>
<b>Resultado de Pesquisa</b> .....	<b>54</b>
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>58</b>
<b>Fontes da Pesquisa</b> .....	<b>60</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>62</b>

## RESUMO

O presente estudo, intitulado *Mulheres e Matapins: a pesca do camarão na comunidade ribeirinha de Itaperuçu, município de Baião-Pará, 1970 a 2016*, tem como objetivo analisar a importância das Mulheres Pescadoras na pesca do camarão nesta comunidade, buscando compreender por que atualmente além de venderem o camarão, também praticam a pesca. Desta forma, pretende-se refletir a respeito dos papéis que são desenvolvidos pelas mulheres e qual a importância destas para a sobrevivência da população local, observando ainda todo o processo da pesca do camarão. Para tanto, foram utilizados como suporte teórico metodológico, estudos que tratem da pesca na região amazônica, dando destaque aos (as) autores (as) que analisam a temática em questão, entre os quais se destaca: DIEGUES (1983), MANESCHY (2010, 2013), GALVÃO (2013), SIMONIAN (2006), TOCANTINS (2000), GOES (2008), RAMOS (2009). Posteriormente foi realizada a pesquisa de campo, através da observação em locus, com realização de entrevistas e conversas informais com as mulheres camaroeiras, idosos e demais moradores da localidade. Além da utilização de documentos imagéticos. Dados da pesquisa apontaram que as mulheres pescadoras artesanais de Itaperuçu estão diariamente contribuindo para a movimentação da economia local e sustento de suas famílias, participam ativamente de todas as etapas da cadeia produtiva da pesca do camarão, mas não se auto identificam como pescadoras artesanais de camarão, não tem seu trabalho nem sua identidade trabalhista reconhecida legalmente e, portanto, ficam a margem das políticas sociais a qual tem direito.

**PALAVRAS – CHAVE:** Mulheres Pescadoras, Cultura, Trabalho, Sobrevivência, Comunidade de Itaperuçu,

## INTRODUÇÃO

Este estudo, intitulado *Mulheres e Matapins: a pesca do camarão na comunidade ribeirinha de Itaperuçu, município de Baião-Pará, 1970 a 2016*, é resultado de uma pesquisa que foi realizada com as pescadoras artesanais de camarão na comunidade de Itaperuçu no município de Baião-Pará, no período de agosto a dezembro no ano de 2016, tendo como objetivo analisar a importância das mulheres na pesca do camarão nesta comunidade, buscando compreender por que atualmente além de venderem o camarão, também praticam a pesca. Uma vez que a pesca artesanal do camarão é vista como uma alternativa para sobrevivência dos habitantes locais, que vem sendo dos mais velhos para os mais novos através de experiências vividas por mais tempo de atividade e contato com o meio ambiente.

Desta forma, o foco de estudo são as mulheres pescadoras que pescam cotidianamente os camarões nas margens Rio Tocantins, tal prática ocorre o ano todo, mas se intensifica no período da vazante do rio, que acontece nos meses de setembro a dezembro, quando o camarão, segundo dizem as pescadoras, está mais “graúdo”. Geralmente, por ser feito por mulheres, a pesca do camarão acontece nas proximidades de suas próprias moradias, pois além desse momento de captura, elas também buscam a melhor forma para a sua conservação até o momento de comercialização, que é feita em bancos na feira livre da Cidade de Baião, nas calçadas de lanchonetes e pelas ruas desta cidade.

No decorrer deste trabalho será evidenciado o modo de vida dessas pescadoras, seus trabalhos desenvolvidos no meio familiar, suas vivências e suas experiências nas águas do rio Tocantins. Assim também será destacado a preocupação destas mulheres em relação a preservação do meio ambiente e o quanto os impactos ambientais ocorridos na região causaram modificações negativas afetando diretamente o seu espaço de trabalho com a diminuição da produção e reprodução de camarão na região.

Sem falar que elas ainda sofrem com a desvalorização de sua condição enquanto pescadoras, caso recorrente em relação as trabalhadoras ribeirinhas amazônicas que por serem julgadas apenas como ajudantes dos homens nesse processo de pesca acabam sendo prejudicadas no que diz respeito ao direito de seguridade social, sendo que a Colônia dos pescadores Z34 do Município de Baião o qual elas fazem parte apenas organizam a questão do seguro defeso.

Desta forma, compreende-se que “pesca artesanal é realizada pelos povos que habitam a região amazônica há tempos imemorial e está presente em toda a Amazônia brasileira, servindo como principal fonte de alimento e importante fonte de renda” (LIMA, 2005)

Mesmo com a participação das mulheres na atividade pesqueira, pouco se fala delas na história desse segmento que, geralmente é definido como sendo predominantemente masculino, colaborando desta forma para uma situação de invisibilidade dessas trabalhadoras. O trabalho das mulheres principalmente no setor pesqueiro não tem uma adequada valorização, percebemos isso na comunidade de Itaperuçu quando essas pescadoras são vistas pelo os moradores da cidade como apenas vendedoras de camarão, sem se darem conta que são elas que fazem a captura desse produto.

Diante desta ideia construída no interior desta localidade no qual mesmo a mulher camaroeira ou pescadora exercendo fundamental importância no desenvolvimento da pesca do camarão sendo até mesmo uma das principais responsáveis para sua manutenção, ainda é vista de forma secundária e apenas de ajudante. Daí a relevância do presente estudo, pois busca mostrar o valor da mulher camaroeira de Itaperuçu e sua importância na realização de tal atividade no município de Baião. Pois há necessidade de se estudar o modo de vida das pescadoras de camarão de Itaperuçu e suas práticas para que desta forma seja possível ressaltar a importância destas mulheres, que possam ser reconhecidas como pescadoras profissionais tendo seus direitos garantidos.

Nessa concepção Oliveira menciona que:

O camarão existente amazônico é um crustáceo da espécie *M. amazonicum*, conhecido como camarão-da-Amazônia ou camarão regional e, mesmo sendo chamado de camarão como os da água salgada, ele está mais próximo da lagosta apresentando muitas semelhanças em relação aos hábitos de reprodução (Oliveira, 2010, p. 40).

Sendo assim, a pesca desse crustáceo é uma das principais fontes de renda para a família das pescadoras de Itaperuçu. Contudo, atualmente vem passando por uma redução de sua produção, devido a recorrente intensidade e frequência que ocorre a pesca no decorrer do ano e até mesmo nos períodos de reprodução da espécie. Desta forma, algumas são as questões que estão contribuindo para a diminuição da quantidade do camarão na região, como o fato de não haver medidas de proteção ambiental, não

ocorre o manejo e orientações para respeitar o período de defeso, sendo assim de acordo com as pescadoras, atualmente é notório que houve uma drástica redução da produção comparada a anos anteriores, e manifestam sua preocupação pois essa é uma das principais bases de sustento e manutenção de suas famílias.

Deste modo, este trabalho reflete a respeito dos papéis que são desenvolvidos pelas mulheres e qual a importância destas para a sobrevivência da população local, observando ainda todo o processo da pesca do camarão. Para tanto, foram utilizados como suporte teórico metodológico, estudos que tratem da pesca na região amazônica, dando destaque aos (as) autores (as) que analisam a temática em questão, entre os quais se destaca: DIEGUES (1983), MANESCHY (2010, 2013), GALVÃO (2013), SIMONIAN (2006), TOCANTINS (2000), GOES (2008), RAMOS (2009). Posteriormente foi realizada a pesquisa de campo, através da observação em locus, com realização de entrevistas e conversas informais com as mulheres camaroeiras, idosos e demais moradores da localidade. Além da utilização de documentos imagéticos.

Nessa perspectiva, trata-se de uma pesquisa que recorre à memória, relatos e experiências de vida por meio de um trabalho que permite compreender a importância das mulheres na pesca do camarão na vila de Itaperuçu, como fonte de sustento familiar.

Busco enfatizar uma forma de vivenciar no cotidiano das mulheres pescadoras de Itaperuçu, as práticas de produção artesanal e sua relevância na valorização para manutenção da tradição da pesca, que garante a subsistência do seu grupo familiar doméstico. Uma vez, que vejo a necessidade de fortalecimento para que essas mulheres possam sempre está buscando o reconhecimento crenças, costumes e valores contribuindo para suas formações pessoais.

Dáí porque optei pela pesquisa de campo, que possibilitou compreender com mais profundidade os sujeitos que fizeram parte deste estudo. Assim, no decorrer da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturada, com as mulheres pescadoras e vendedoras de camarão, além de pessoas mais velhas dessa comunidade. Desse modo, além da oralidade captadas durante entrevistas e conversas informais, também foram utilizados como fontes de pesquisa, alguns documentos escritos e imagens fotográficas.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo abordou a localização do espaço geográfico da comunidade estudada, o modo de vida dos moradores, a importância das mulheres pescadoras de camarão. O segundo capítulo trata das análise das entrevistas feitas com as mulheres pescadoras da comunidade de Itaperuçu.

## **CAPÍTULO I**

### **A PESCA DO CAMARÃO E O MODO DE VIDA DAS MULHERES PESCADORAS DE ITAPERUÇU**

## 1.1 . NAS CORRENTEZAS DO TOCANTINS

Historicamente o Rio Tocantins apresenta-se como infinitas possibilidades que imersa um imaginário popular lendário e mítico no cotidiano das pessoas, alicerçando uma sociedade de constantes transformações e intervenções humanas fornecendo o alimento para a construção de seus abrigos. Imaginário constituído pelos indígenas que habitaram a região que através dos tempos foi sendo alimentado e aos poucos se modificando.

Nesse sentido, o autor Navarro (2005) nos diz que:

O Rio Tocantins que tem o nome de origem indígena (Bico de Papagaio em dialeto Tupi) é um rio brasileiro que nasce no estado de Goiás, passando logo após pelos estados do Tocantins, Maranhão e Pará, até chegar à foz do Rio Amazonas, cuja bacia hidrográfica se entrecruza, aonde este desemboca as suas águas (NAVARRO, 2005, p.463).

Após a união dos rios Maranhão e Paraná entre os municípios de Paraná e São Salvador do Tocantins (ambos localizados no estado do Tocantins), o rio passa a ser chamado definitivamente de Rio Tocantins. Durante a época das cheias, seu trecho navegável é de aproximadamente 2000 km, entre as cidades de Belém - PA e Lajeado-TO (NAVARRO, 2005).

Conta-se que o Rio Tocantins é o segundo maior rio brasileiro (fica apenas atrás do Rio São Francisco), sendo também chamado de Tocantins-Araguaia. Sua nascente mais longínqua fica localizada na divisa entre os municípios de Ouro Verde de Goiás - GO e Petrolina de Goiás - GO, bem próximo à divisa de ambos com o município de Anápolis – GO (NAVARRO, 2005).

Além disso, o rio Tocantins assim como os demais rios brasileiros, passaram por grandes transformações socioambientais a partir das múltiplas diversidades naturais por meio à vegetação, fauna e flora características específicas nesse cenário. Ocasionalmente uma série de problemas e dificuldades em torno (NAVARRO, 2005).

Para enfatizar as belezas naturais que um dia foi o berço desse panorama proporcionado pelos nossos maravilhosos rios. Tocantins (2000) menciona que:

O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística, o que pode comportar a transposição da máxima de Heródoto para os condados amazônicos, onde a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água uma espécie de fiador dos destinos humanos. Veias do sangue da planície, caminho natural dos descobridores, farnel do pobre e do rico,

determinante das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos amados e odiados, louvados, amaldiçoados, os rios são a fonte perene do progresso, pois sem ele o vale se estiolaria no vazio inexpressivo dos desertos. Esses oásis fabulosos tornaram possível a conquista da terra e asseguraram a presença humana, embelezaram a paisagem, fazem girar a civilização - comandam a vida no anfiteatro amazônico (TOCANTINS, 2000, p.278).

Nesse contexto o rio Tocantins é um rio de histórias naturais das grandes expedições, mapeado pela longitude que serpenteia por entre planícies e planaltos. Com belezas inigualáveis traz um cenário de estórias e encantos de um povo humilde e trabalhador, que faz deste, seu espaço de trabalho e lazer.

O rio Tocantins, corta o município de Baião Pará que fica localizada na mesorregião do Baixo Tocantins, entre as cidades de Cametá, Mocajuba e Tucuruí. Muitas são as comunidades e vilas que margeiam o Rio Tocantins, formam assim os chamados interiores baionenses cada um com sua história marcada por lutas. Os interiores e vilas ribeirinhos sobrevivem da caça, pesca e cultivo de roçados que ajudam no sustento das famílias que residem nestes locais.

Figura 1: Rio Tocantins as margens da cidade de Baião Pará



Fonte: Arquivo Elvis Barroso, 2011.

Entre as várias atividades econômicas desenvolvidas no município de Baião estão inseridos a pesca de peixe e camarão. O rio Tocantins influencia diretamente o

modo de vida da população local que organizam suas atividades em função da sazonalidade enchente/cheia, vazante/seca, conforme é relatado pelo senhor Zé vieira morador da comunidade de Itaperuçu, pescador com 67 anos de idade, ao contar que quando as águas cresciam era preciso que os moradores do Itaperuçu fossem para um lugar chamado (Bacuri) onde tinha pesca em abundância além da castanha do Pará que neste período estava em alta e desta forma ficavam meses neste local, juntando a castanha.

Nós não tínhamos paradeiro, quando a água crescia tínhamos que mudar para o Bacuri, lá era bom pois estava na época de juntar castanha e nos ganhávamos um bom dinheiro, além de ser um bom lugar para pesca. Seis meses nos ficávamos no Itaperuçu e seis meses nos íamos para o bacuri, nossa vida era assim. (Zé Vieira).

De acordo com a fala de seu Zé Vieira morador da vila, o ciclo das águas sempre esteve presente na vida dos ribeirinhos que planejavam seu trabalho, pensando nessa possibilidade de mudança de um lugar para outro, que segundo afirma na época de enchente era bom, pois lá na Vila de Bacuri eles produziam, além da pesca, seu principal alimento e sustento, ainda juntavam castanha do Pará para venderem.

Percebemos que neste período a fonte de renda das famílias ribeirinhas da comunidade de Itaperuçu era a colheita da Castanha do Pará e a colheita da borracha que ainda estava em alta, além da pesca e roçado. O senhor Zé vieira fala a seguir da importância da colheita da borracha e da castanha que até então era suas principais fontes de renda:

A castanha e a borracha era o que mais dava dinheiro, me lembro que eu e minha esposa trabalhamos seis meses ajuntando castanha e deu para eu comprar um motor, nossa vida melhorou, pois, só tínhamos um casco pequeno e para irmos daqui do Itaperuçu para o Bacuri levava mais de dias (Zé Vieira).

Como nos diz o senhor Zé Vieira a vida vai melhorando com as novas formas de busca de renda e já podemos perceber a partir daí a importância da mulher no trabalho do dia a dia, a mesma é papel importante deste trabalho assim como todo o processo de crescimento da comunidade de Itaperuçu como nos confirma dona Elizabete esposa do seu Zé Vieira.

Eu sempre fui a principal parceira de trabalho do meu marido, juntos construímos tudo que temos, colhemos borracha e castanha juntos e foi eu

que comecei a pescar camarão que hoje é nossa principal fonte de renda (Elizabeth Mendes Vieira).

Nesse sentido, as mulheres da comunidade de Itaperuçu começam a desempenhar importantes papéis no seu fazer diário para estarem contribuindo para o crescimento da família e da comunidade e são vistas como forte esteio da família como nos relata dona Elizabeth que fala com muito orgulho de seu papel importante para o sustento da família.

Nessa linha de pensamento o Rio Tocantins traz consigo história, como da família do senhor Zé vieira e sua esposa dona Elizabeth, que representa a maioria dos baionenses, um lugar de encantos que guarda histórias, amores, trabalho e sonhos que estão presentes até mesmo no poema dos escritores Baionenses.

## **1.2 O MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ.**

Desenhada por suas belezas naturais à margem direita do rio Tocantins, a cidade foi assim batizada por um Português de sobrenome Baião, com um propósito de encontrar um lugar, durante sua passagem quando navegava pelo rio Tocantins, eis que avistou este cenário que poderia ser sua casa. E aqui deu vida a este lugar chamada Baião, cidade sempre calorosa, receptiva e hospitaleira.

Segundo Ramos (2009), para que Antônio Baião pudesse encontrar um lugar para construir sua moradia “O governador e capitão-general do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, reconhecido como donatário da Capitania do Camutá, entregou como doação ao português Antônio Baião uma vasta Sesmaria, com a condição de que fundasse um povoado. Impôs ao mesmo a condição de que tal povoado deveria localizar-se à margem do rio Tocantins e que ele construísse uma casa grande e decente” (RAMOS, 2009).

Sendo assim, Antônio Baião encantou -se com a bela paisagem, decidiu por esta terra, dando início a fundação do município de Baião em 1694, para marca essa fundação ele construiu com a ajuda de 30 indígenas (o qual não registrado em documentos sua etnia) no local uma casa grande com características de uma igreja para colocar a imagem de Santo Antônio de Pádua que trouxe consigo de Portugal, tal atitude reflete nos dias de hoje onde esse Santo é o padroeiro da cidade (RAMOS, 2009).

A princípio em 30 de outubro de 1769, o capitão-general e governador, Fernando da Costa de Athayde Teive, consagrou a doação efetuada por Coelho de Carvalho e outorgou ao lugar o nome do sesmeiro, batizando-o de Baião, tendo em vista que o lugar não possuía nome ainda. O encarregado de executar a ordem foi Manoel Carlos da Silva. (RAMOS, 2009).

No ano de 1833, o conselho do Governador da Província, nas suas sessões de 10 a 17 de maio, promulgou uma Resolução através da qual o “lugar Baião” foi elevado à categoria de vila, recebendo a denominação de Nova Vila de Santo Antônio do Tocantins. Em 31 de outubro de 1935, a Lei Estadual nº 8 reconheceu Baião como Município e, através desse mesmo ato, Mocajuba foi reconduzido também à categoria de município. (RAMOS, 2009).

O município de Baião já foi o um dos maiores dessa região, onde sua extensão chegava ao município de Conceição do Araguaia, por exemplo. Municípios importantes do Estado como Tucuruí e Marabá surgiram de vilarejos baionenses. Hoje, o município de Baião é formado pelos distritos-sede de Baião e pelos distritos de Joana Peres e São Joaquim de Itaquara (RAMOS,2009).

Figura 2: Cidade de Baião-Pará vista de cima.



Fonte: Arquivo Elvis Barroso, 2011.

Baião fica localizada na mesorregião do Baixo Tocantins (Rio que corta a região) na microrregião de Cametá, podendo ser acessado pela PA-151, BR-422 e pelo Rio Tocantins. A distância da capital paraense pela estrada é em torno de 265 quilômetros e pode ser feita através do Porto Arapari em Barcarena, ou pela rodovia Alça Viária. O Acesso ao Sul e Sudeste do Estado pode ser feito pela PA-151 até o município de Breu Branco ou pela rodovia transcametá (BR-422) pelo município de Tucuruí (RAMOS, 2009, P.78).

Sua formação também constitui interiores, vilas e comunidades como Umarizal, Araquembaua, Calados, Itaperuçu entre muitos outros. Conhecido por ser um município bastante acolhedor, Baião é formado de um povo muito trabalhador que sobrevive da pesca, agricultura entre outros meios. Com passar dos anos o município foi crescendo cada vez mais através das administrações de intendentes e prefeitos que governaram este lugar.

Desde sua fundação a cidade de Baião tem evoluído gradativamente, construção de hospital, unidades básicas de saúde, terminal rodoviário, construção de novas escolas municipais e particulares, Polo universitário entre outros aspectos que contribui para o desenvolvimento da cidade como todo.

Em relação as atividades econômicas que subsidiam a manutenção do município podem-se destacar o comércio, atividade extrativista com a produção de pimenta-do-reino, cacau, mandioca, além da piscicultura, pesca de camarão e extração de madeira.

Atualmente o município possui em torno de 40.000 habitantes, sendo que sua maioria se concentra na zona urbana. A cidade tem seus atrativos turístico bem como: praias, balneários e igarapés. Nas férias de julho ocorrem os jogos estudantis baionenses que mobiliza além dos jovens de nossa cidade, outros participantes de vários municípios e da capital.

O município realiza de manifestações culturais como a festividade de Santo Antônio de Pádua padroeiro da mesma, festejado em junho, o festival junino com concursos de quadrilhas municipais e intermunicipais, a batalha dos botos (tucuxi/canal) realizado em outubro mês que ocorre o aniversário do município, e ultimamente o maior arrastão cultural trazendo pelas ruas de Baião o espetáculo auto de Santo Antônio.

A pesca do camarão também é prática muito desenvolvida neste município e se compõe como uma das principais bases econômicas de moradores ribeirinhos do município em especial os da comunidade ribeirinha de Itaperuçu.

### 1.3.COMUNIDADE DE ITAPERUÇU

A comunidade de Itaperuçu está situada às margens direita do rio Tocantins, no segundo distrito do município de Baião estado do Pará, entre os moradores mais velhos local, pode-se perceber que são vários as hipóteses sobre a nomenclatura da localidade. Pesquisas e os moradores locais afirmam que o nome Itaperuçu é de origem indígena que significa “fazer caminho grande de pedra”, mas que não se sabe ao certo como surgiu.

De acordo com a primeira versão, o nome Itaperuçu surgiu pelo fato de no local que se formou a comunidade existiria uma pedra muito grande, está pedra marcava o local onde as águas chegavam deixando assim os moradores impossibilitados de viverem no local por alguns meses e assim mudavam para ilhas e Itaperuçu se transformava em uma tapera.

Na segunda versão já é evidenciado que esse nome foi escolhido devido o local ter sido uma grande tapera daí o surgimento do nome da comunidade. Os moradores dizem também que foi dado este nome porque no verão algumas famílias passavam os meses de outubro, novembro e dezembro nas ilhas e o local ficava completamente abandonado, uma verdadeira tapera<sup>1</sup>.

Como nos relata a senhora Antônia Monteiro Ferreira aposentada de 83 anos de idade moradora da comunidade

Itaperuçu é um nome antigo a minha mãe uma das primeiras moradoras morreu com 93 anos dizia que esse nome já existia, que não sabia quem colocou, Taperuçu era ligado a Araquembaua comunidade vizinha, a dividido por uma placa de ferro pregada em um miritizeiro, depois quando começou os cultos tudo era para lá, votávamos lá no Araquembaua até quando nós decidimos separa para poder todos votar aqui e ter nossa própria comunidade (Antônia Monteiro Ferreira).

Confiar nos mais velhos e reconhecê-los como fonte de memória é cuidar da própria história da comunidade. É valorizar aqueles que formaram este povo tão guerreiro e orgulhoso de suas conquistas. Não se trata somente de guardar os casos na memória coletiva, mas também de afirmar a importância daqueles que fizeram a experiência e depois a comunicaram. Vemos, portanto, uma preocupação com a própria história da comunidade, que também é a história individual de cada um deles.

---

<sup>1</sup> Na região se diz que Tapera um lugar abandonado.

Para Halbwachs, (2006), reconhecimento e reconstrução fazem parte do trabalho da memória, permitindo a atualização dos quadros sociais, nos quais as lembranças permanecem e articulam se entre si. A memória é trabalho de reconhecimento no sentido que nos remete ao “sentimento do já visto ou ouvido”, como algo que não é inteiramente novo na experiência do sujeito. É trabalho de reconstrução pois não repete o que foi evocado do passado, mas sim ressignificando no quadro social atual aquilo que foi colhido e vivenciado (HALBWACHS, 2006).

A Memória destes moradores se faz muito importante pois dar oportunidade para que possamos conhecer a história desta comunidade. Os relatos se assemelham e nos traz a curiosidade de buscar conhecer este local que outrora foi conhecido como um lugar abandonado durante o período das grandes enchentes do rio Tocantins, que hoje não são como antes e desta forma as famílias permanecem no local onde tiram sustento e renda.

Dona Antônia fala do costume que persiste em dizer que o que não está escrito é lenda seja de pedra ou tapera. Porém, ela chama a nossa atenção para aquilo que não está escrito, e que não precisa de escrita para existir. Ter algo escrito sobre um acontecimento narrado pela comunidade é sinal de confirmação daquilo que eles sempre acreditaram, neste sentido ela muito se anima que seus relatos servirão para que outros conheçam a história de Itaperuçu, como no desenho abaixo do Jovem Mailton Dias, que através desta arte vem nos mostrar a estrutura da comunidade como forma de conhecermos sua organização.

Figura 3: Desenho do mapa da Comunidade de Itaperuçu



Fonte: Mailton Dias, 2014

Na verdade, não é o documento que vai fazer com que os moradores da comunidade de Itaperuçu acreditem, é preciso que a informação já esteja sagrada na memória da comunidade como já acontece. Fica claro no depoimento de dona Antônia onde está o porto seguro da comunidade.

Agora o Itaperuçu é conhecido, e eu quanto poder contarei essa história para quem quiser ouvir, hoje sou feliz porque os moradores daqui luta junto, festeja junto e relembra fatos antigos para preservar a memória dos nossos velhos, que bate no peito e diz: “Taperuçu é só tradição. (Antônia Monteiro Ferreira)

É importante percebemos a fala dos mais velhos da comunidade, as narrativas orais, ouvidas dos velhos, não podem ser percebidas como invenções particulares, uma vez que mesmo se configurando como histórias pessoais. É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade. Nesse sentido, Walter Benjamin (1980) “entenderá a narrativa como transmissão de experiências entre gerações, consoante o movimento coletivo de tradições, ao relacionar fatos narrados com fatos vivenciados, não sendo possível conceber narrativa alijada da ideia de memória” (BENJAMIN, 1980).

Um dos maiores estudiosos da memória, Halbwachs (2006) impulsiona o seu caráter social, as referências exteriores, como a mola propulsora na acepção do tema. Para ele, não sendo inteiramente isolada e fechada, a memória individual provê o conhecimento da memória coletiva, tendo em vista que “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Percebemos através das leituras dos autores valorização da memória para a constituição da história e da identidade de um povo como exemplo a memória dos moradores da comunidade de Itaperuçu que guardam com carinho cada fato e lembrança que caracteriza a trajetória de formação do lugar e de suas vidas. Em cada narrativa percebi o amor com que os moradores guardam tão saudosas lembranças, assim como a preocupação de manter viva a lembrança da história do lugar.

Desta forma, busca-se manter os traços, cultura e história dos moradores da comunidade de se remeter ao passado para que o presente se faça melhor entendido e o futuro melhor desenhado, sem dúvida é uma das formas mais importantes de vivenciar essas lembranças para que as mesmas possam se perpetuar ao longo da história do lugar.

Hoje a Comunidade já mais estruturada, possui escola, campo de futebol onde acontece os animados torneios, casas de alvenaria e outras ainda matem os traços ribeirinhos construídas de madeira com chão elevado de madeira, abastecimento de água, Igreja e toda essa estrutura dividida em cinco ruas que formam a comunidade de Itaperuçu como nos mostra as imagens abaixo.

Figuras: 4,5,6,7,8,9: Igreja, abastecimento de água, campo de futebol e casa de alvenaria e madeira que fazem parte da Comunidade de Itaperuçu.



Fonte: Rosimeire, 2017.

#### **1.4. MODO DE VIDA**

O modo de vida em Itaperuçu é semelhante ao de outras comunidades baionenses, onde a pesca apresenta-se como atividade econômica preponderante, revelando que a subsistência dessas populações depende dos ambientes aquáticos não somente como suporte de suas necessidades imediatas, mas constituem-se também enquanto espaços produtivos.

A religião predominante é a católica. Mas há várias crenças e mitos baseados no conhecimento tradicional repassado por seus antepassados como disseram várias moradoras, “nós somos todas católicos aqui, tem também evangélicas, mas o Deus é um só, então tudo o que for para o nosso bem nós fazemos”.

Como em todas as comunidades ribeirinhas as religiões e crenças se fazem fortemente presente, as tradições e costumes permanecem nos cultos dominicais, festa de Nossa Senhora da Misericórdia que hoje está sendo resgatada, as crendices populares dos banhos de plantas medicinais, tornando assim a comunidade um espaço de fé onde cada um segue o que acredita.

A comunidade possui uma Igreja católica já construída e uma igreja evangélica em construção. Embora já professam a religião Católica há muito tempo, mas o prédio da igreja católica só foi inaugurado no dia 20 de dezembro de 2014, recebendo o nome de Nossa Senhora da Misericórdia, santa que já era padroeira venerada e festejada na comunidade. Menciona-se que o terreno para construção desta igreja foi doado pelo morador Caetano Martins, sendo construída com recursos doados pelos próprios moradores da comunidade.

Os moradores de Itaperuçu também falam dos progressos que comunidade já cansou, visto que antigamente não tinha água encanada e a iluminação era só com lamparina<sup>2</sup>. E que depois, no ano de 1991, estes moradores foram beneficiados com uma usina elétrica, através de doação feita pelo candidato a deputado estadual Francisco Nogueira Ramos. A referida Usina funcionou durante muito tempo, mas a partir de janeiro de 2008, passaram a contar com o projeto Luz para todos do governo Federal, tendo energia em todos os momentos do dia, dizem que isso muito melhorou muito a vida dos moradores, como por exemplo, podem armazenar os alimentos para seu consumo, assim como, aqueles a serem comercializados, além de possibilitar formas de lazer e distração, mediante o uso da televisão

Segundo Maia (2003), a eletrificação rural é um meio eficaz para a conquista do bem-estar das populações rurais e do seu desenvolvimento econômico e social. Dentre os objetivos de desenvolvimento estão a fixação do homem no campo, a produção de alimentos e matérias-primas (MAIA, 2003).

---

<sup>2</sup> A Lamparina é um recipiente de lata ou de vidro, que composto por um pavio de algodão com combustível, como o querosene serve para iluminação.

Navarro (2001) também aborda que o desenvolvimento rural significa crescimento econômico das atividades rurais, com o aumento da produtividade, a melhoria de vida das famílias rurais, sempre com sustentabilidade ambiental dos recursos naturais. Para esse crescimento econômico da atividade rural, a eletrificação possui papel de fundamental relevância, a fim de ser condição necessária para o crescimento das atividades (NAVARRO, 2001).

De acordo com os autores podemos perceber a importância da chegada da energia elétrica para as comunidades rurais e ribeirinhas onde agora podem ter seus eletrodomésticos como o frizer para a conservação do camarão sua principal fonte de renda. Percebemos na fala dos moradores que hoje é tudo mais fácil em alguns sentidos, pois estão cada vez mais informados de tudo que acontece no mundo através da televisão e da internet e todas essas conquistas são desenvolvimentos que vieram com muita luta, tendo em vista que foram os mais prejudicados com a Hidrelétrica de Tucuruí e apesar da energia ter chegado ainda não é de boa qualidade.

Atualmente, o presidente da comunidade o senhor Rosivaldo Monteiro pescador de peixe e camarão. Sua gestão é bastante ativa, pois tem buscado a participação dos comunitários para se organizarem e juntos cobrarem do poder público local e estadual solução para seus problemas históricos nas áreas de educação, saúde, transporte escolar, luz elétrica e outros.

Rosivaldo Monteiro afirma eufórico que vão conseguir melhorar esta comunidade, mas precisam da ajuda da prefeitura e do governo. Temos que estar sempre lutando por melhorias. É difícil, muitas pessoas só querem o negócio pronto, na hora de ir lá para cobrar poucos aparecem, mas eu não vou desistir.

Na fala do presidente da comunidade podemos perceber a preocupação que tem toda comunidade, na criação de uma associação com a união de todos os moradores para que possam conseguir benefícios que a comunidade tanto necessita, como ele nos relata todos se preocupam, mas quando se precisa de ações poucos se dispõem para ajudar, gerando desta forma uma desorganização social onde a união se faz importante perante os poderes públicos que visitam a comunidade poucas vezes no ano.

## **1.5. A PESCA DO CAMARÃO**

A pesca é considerada uma atividade pré-histórica praticada pelo homem com o objetivo de conseguir os meios necessários à sua subsistência a partir do ambiente

aquático (ABDALLAH & CASTELLO, 2003). AFONSO-DIAS (2007) relata que existem provas da existência da pesca em lugares arqueológicos do período do Paleolítico, há cerca de 50 mil anos, sendo a pesca e a caça as primeiras profissões humanas. No município de Baião e na comunidade de Itaperuçu a pesca vem sendo repassadas a séculos e de acordo com relatos essas técnicas desenvolvidas na região foram ensinadas por comunidades indígenas que aqui residiram.

No Brasil, a produção de pescado apresentou tendência geral de crescimento na última década. De acordo com dados do MPA (2010), o Nordeste é a maior região produtora de pescado do Brasil com 411 mil toneladas/ano, e a menor região é o Centro-oeste com 72 mil toneladas/ano. Santa Catarina é o maior produtor entre os estados, com 207 mil toneladas/ano, seguido do Pará, com 136 mil toneladas (MPA, 2010).

Na comunidade de Itaperuçu a pesca do camarão é a mais importante, é praticada de maneira artesanal, Segundo Diegues, os pescadores artesanais são responsáveis por grande parcela da captura do pescado, destinada tanto à exportação quanto ao consumo interno (DIEGUES (1993). Todos os pescadores de Itaperuçu estão ligados à pesca artesanal, os quais utilizam canoas e rabetas<sup>3</sup>, que se entrelaçam no Rio Tocantins.

Essa pesca representa uma das principais fontes de renda para a família dessas pescadoras. Embora as práticas econômicas dessas famílias sejam pluriativas como em outras comunidades rurais da Amazônia, a pesca do camarão se sobrepõe as demais atividades produtivas por ser a de maior rendimento econômico. Essa pesca é realizada durante todo o ano, porém com muita intensidade no período de setembro a dezembro visando principalmente à comercialização.

Nessa perspectiva, as mulheres da comunidade de Itaperuçu têm um forte papel na captura do camarão, utilizando uma diversidade de artes de pesca artesanais, praticam a pesca em pequena escala, cuja produção é em parte consumida pela família e em parte comercializada na cidade de Baião. A unidade de produção costuma ser a familiar em especial as mulheres que faz todo processo de pesca até a venda. Ao entrevistar os moradores da comunidade de Itaperuçu observei a preocupação em relação ao meio ambiente que vem prejudicando a vida de cada morador, muitos falam

---

<sup>3</sup> A Rabeta é um barco que possui um motor com eixo cumprido.

que a pesca não é a mesma, as águas não crescem como antigamente e sabem que a poluição dos rios são causas destes danos.

Os fatos ambientais chamam os moradores como um todo para responsabilidade na gestão dos recursos naturais, as suas preocupações passam a ser fundamental para reduzir as catástrofes que estão acontecendo no planeta e garantir um futuro melhor às demais gerações. Conforme se pode perceber na fala da senhora Antônia Ferreira.

Hoje quase não se pega peixe e camarão como antigamente, é tanta sujeira no rio o povo joga lixo e a água nem cresce como crescia quando eu era nova e precisávamos até se mudar daqui. Eu vejo na televisão falar de tanta poluição que tá acabando com nosso rio (Antônia Monteiro Ferreira, 83 anos).

Percebemos aí a preocupação da moradora mais antiga com os problemas ambientais que ocorrem entre as décadas atuais e estão deixando marcas na reconstrução do repensar da relação homem-natureza.

A seca no rio Tocantins, elevação da temperatura do planeta, o extermínio de espécies animais e vegetais, outros eventos naturais cada vez mais constantes e com intensidades maiores como terremotos e deslizamentos de terra nos espaços urbanos, são acontecimentos que servem como reflexão do modo de vida do homem e seu meio ambiente.

Os pescadores ribeirinhos de Itaperuçu possuem na sua maioria pouca escolaridade, são casados, com famílias relativamente grande, de 5 a 10 componentes, na qual a maioria participa da atividade, além de possuírem vasta experiência no desenvolvimento da atividade. Os conhecimentos sobre a atividade que exercem são adquiridos tradicionalmente, através da transferência de práticas pesqueiras por seus familiares.

Todos os entrevistados nos relatam que aprenderam tudo sobre a pesca através de seus avós, pais e parentes que sempre sobreviveram desta forma de trabalho que tanto eles se orgulham de praticar e em todos os eixos a pesca está fortemente presente.

No ambiente social, a atividade pesqueira exercida pelos ribeirinhos proporciona para uns, satisfação profissional e para outros apenas se conformaram sendo pecadores, sem terem oportunidade de estudar devido à falta de condições de seus pais segundo eles. Hoje a maior preocupação dos pais da comunidade é em manter seus filhos nos estudos, alguns já cursam universidades e outros decidiram seguir a profissão dos pais entre outras.

Em relação ao setor econômico foi observado que atividade pesqueira tem seus pontos positivos e negativos. Nos pontos positivos é através da pesca que as famílias tiram seus sustentos e são inseridas em projetos como o seguro defeso que muito ajuda as mesmas, no entanto este projeto não se cumpre de acordo com os relatos dos pescadores como deveria ser. Os quatro meses que deveria receber de acordo com o período de defeso se estende durante o ano e desta forma se prejudica a reprodução dos peixes sem falar que não é inserida a profissão de pescador nas carteiras junto a colônia dos Pescadores do município de Baião, órgão por onde os pescadores são representados.

No eixo ambiental podemos perceber que apesar do baixo nível de escolaridade e o pouco conhecimento sobre sustentabilidade na atividade em que exercem, os pescadores possuem a consciência ambiental, na qual adquiriram com a prática da atividade ou que foram ensinados por seus descendentes e além de tudo tem a certeza que se não cuidarem do meio ambiente vão perde sua principal fonte de renda. Mesmo com toda essa preocupação, a comunidade não tem projetos de sustentabilidade mais através de reuniões formam grupos para vigiarem o rio no período de defeso para que desta forma possam contribuir de alguma forma com a preservação dos seus lugares de trabalho.

## **1.6 A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA COMUNIDADE DE ITAPERUÇU**

O estabelecimento de igualdade de direitos entre homens e mulheres está diretamente relacionado com o desenvolvimento das sociedades. Nesse sentido a comunidade de Itaperuçu é formada em sua maioria por mulheres que de todas as formas se destacam naquele lugar, por estarem sempre envolvidas e atuantes na comunidade como: professoras, estudantes, parteiras, pescadoras, agricultoras, donas de casa entre as demais profissões que são exercidas pelas as mesmas.

Ao longo dos tempos, muitas mulheres buscam e lutam por serem reconhecidas como igualdade de direito no mundo em que prevalece geralmente o machismo, onde as mulheres foram sempre subjugadas como inferiores em relação aos homens, sendo assim os homens sempre foram privilegiados neste contexto. No entanto, as mulheres da comunidade de Itaperuçu têm fundamental importância por se destacarem por

realizarem diferentes funções em diversos setores e lutam para serem reconhecidas no seu meio social.

Diante dessa abordagem nota-se o pouco reconhecimento das atividades desenvolvidas pelas mesmas, uma vez que a sociedade ainda traz consigo o estigma da pesca como sendo uma atividade masculina, e as atividades desenvolvidas pelas mulheres como apenas vendedoras pelas ruas de Baião.

Nessa concepção, vale enfatizar que as mulheres Itaperuçuense contribuem ativamente não só como vendedoras e sim em todos os setores de atividade produtiva, lado a lado com os homens, buscando uma igualdade baseada no respeito e reconhecimento do seu papel na sociedade, mas assim mesmo, os seus direitos continuam a ser negados e desprezados a sua contribuição para a sustentabilidade da sociedade muitas das vezes por preconceitos da própria comunidade. Nos relatos ela nos fala que são criticadas e que são chamadas de vigias de Maridos se sentindo discriminadas como se não tivessem força e determinação para praticarem a pesca. Como forma de resistência essas mulheres vão a lutam sem deixar que os comentários até mesmo de outras mulheres tirem suas forças e assim vão vencendo o preconceito mesmo que de acordo com elas sempre vai existir mais não é motivo para desistirem.

Para muitas mulheres este reconhecimento e valorização das suas capacidades e até mesmo o preconceito, faz parte do seu dia a dia, mas para a maior parte delas trata-se de um problema grave e sério, percebemos isto através dos relatos das pescadoras que reclamam das críticas e falta de valorização da sociedade.

Nós somos chamadas de vigias de marido, que vamos só para atrapalhar, por mim, não to nem aí. Eu ainda faço pouco da cara de quem fala e venho bem bom com meu balde cheio de camarão e sempre vou pescar com muito orgulho (Rosemeire Monteiro, 44 anos)

Foi esta força de vontade que me entusiasmou estudar essas mulheres, que não abaixam a cabeça para os problemas enfrentados para manterem suas profissões e desta forma as mulheres com o tempo vão ganhando seu espaço principalmente na comunidade de Itaperuçu onde são herdeiras das tradições da pesca do camarão a qual ressaltam com muito orgulho.

Muitas são as lutas das mesmas pelo reconhecimento de seus trabalhos, Maneschy (2010) chama a atenção para o fato das mulheres, nacional e internacionalmente, no setor pesqueiro estarem reivindicando reconhecimento de sua condição produtiva em muitos contextos. Esse reconhecimento refere-se

especificamente aos órgãos públicos de seguridade social, de trabalho (Ministério e delegacias regionais) e às secretarias executivas do setor pesqueiro (MANESCHY, 2010).

Maneschy faz uma discussão importantíssima, a respeito da busca das mulheres pelos seus direitos, e isto não é diferente na comunidade de Itaperuçu, as mesmas vão à luta por melhorias para comunidade e para suas famílias que são as que mais necessitam.

Na comunidade de Itaperuçu a mulher tem papel fundamental nos diferentes setores apresentados nesta localidade a qual estão inseridas, principalmente no que diz respeito a pesca do camarão pois em todo município já foi construído uma identidade sobre elas e seus afazeres tanto que são reconhecidas em todo município de Baião como as camaroeiras de Itaperuçu que lutam pelos sustento do dia a dia mesmo com muito preconceito vão ganhando seu espaço como peça importante para a funcionalidade da comunidade.

As mulheres pescadoras artesanais de camarão, da comunidade de Itaperuçu, estão diariamente contribuindo para a movimentação da economia local e sustento de suas famílias, participam ativamente de todas as etapas da cadeia produtiva da pesca do camarão e peixe, com muita luta já se auto identificam como pescadoras artesanais de camarão mesmo não tendo em sua carteira está nomenclatura que no caso seria como pescadora de camarão que é sua maior pratica no entanto na carteira de pescadora são reconhecidas como pescadoras de peixe, até o momento o único direito que elas tem é de receber o seguro defeso. Não tem ações como saúde e educação que deveria ser garantida pela única instituição que as representa, a colônia de pescadores Z34 do município de Baião.

Apesar de existir avanços significativos no campo da legislação para o reconhecimento do trabalho realizado pelas mulheres no setor pesqueiro ainda há muito o que avançar em relação a organização e participação das mesmas em movimentos sociais que representem a categoria da qual fazem parte legitimamente principalmente na comunidade que não tem uma organização, como diz a pescadora Diceia Monteiro de 44 nos de idade:

Nós não temos uma organização para lutar pelos nossos direitos, mas enquanto estivermos força nos vamos lutar para melhorar nossa vida e o direito de nós ser chamadas de pescadoras (Fala de Diceia Monteiro).

Através desta fala e das outras tratada neste trabalho percebemos o anseio que as mulheres pescadoras de camarão evidencia na busca por direitos e igualdade na comunidade que está inserida e acima de tudo apresenta o orgulho de ser reconhecida como mulher pescadora e mulher camaroeira e que através de seu trabalho busca melhorar sua vida e daqueles que vivem a sua volta. Hoje estas mulheres veem ganhando espaço na comunidade, na organização de reuniões e debates, na participação do festival do camarão, maior evento cultural, que em 2018 será dirigido apenas pelas mulheres da Itaperuçu, além de participarem de encontros na cidade como a participação do PPA, Plano Plurianual que define as políticas públicas de Governo Federal, Estadual e municipal, além de conferências que traça rumos na educação, saúde e em reação as políticas voltadas as mulheres.

Mesmo que estes projetos demorem a chegar na comunidade, as mulheres participam destes encontros não só como ouvintes, mais como porta voz dos comunitários que anseiam melhorias para seu lugar. Como vimos no início no decorrer desse capítulo a luta que as mulheres de Pescadoras de Itaperuçu vêm travando nos mostra que não estão mais acomodadas e que este trabalho se fará importante para que elas cada vez mais se reconheçam e se imponham na busca de seus direitos.

## **CAPÍTULO II**

### **A PESCA, PESCADORAS E A CULTURA DO CAMARÃO NA COMUNIDADE DE ITAPERUÇU.**

## 2.1. INÍCIO DA PESCA DO CAMARÃO NA COMUNIDADE DE ITAPERUÇU

Neste capítulo se faz análise das entrevistas feitas com os habitantes, dando destaque para as mulheres, da comunidade de Itaperuçu é analisado o registro oral do início da prática da pesca do camarão em Itaperuçu. Uma das primeiras pessoas entrevistadas foi o senhor Manoel da Vera Cruz Neves, com 68 anos de idade, nasceu no município de Cameté, onde foi criado. Esta conta que em 1961 mudou-se com seus pais e irmãos para Baião, onde passou a morar na vila de Itaperuçu. Casou-se com a Senhora Maria de Lurdes Viana de carvalho, aposentada, 63 anos, com quem teve 10 filhos. Este casal atualmente vive da aposentadoria, os seus filhos fazem pesca do camarão e dona Lurdes Viana, já aposentada, realiza a venda na cidade. Esta diz que se faz necessária continuar a venda do camarão, para ajudar no sustento da família, pois, a maioria dos filhos ainda moram com o casal.

Ao ser entrevistado, o senhor Manoel da Vera cruz Neves, relata toda sua trajetória de vida, desde a vinda de Cameté para Itaperuçu e todos os problemas enfrentados durante a vida. Quando foi perguntado sobre a pesca do camarão, ele respondeu que, quem trouxe para vila de Itaperuçu foi seu pai:

Quem começou a pescar camarão e ensinou os outros a pescar foi meu pai Raimundo Dias, um dia quando meu pai foi com outros vizinhos na cidade, conversavam sobre pesca e ele disse que quando morava em Cameté pegava muito camarão com um matapi<sup>4</sup> e que ele ia ensinar a fazer o matapi e como pegar e fritar o camarão. No outro dia meu pai retornou com os vizinhos para cidade de Baião onde já levou um matapi pegou uma quantia de camarão e numa lata, fritou o camarão ensinando o pessoal que não sabia (Manoel da Vera cruz Neves, 68 anos).

É perceptível orgulho do senhor Manoel quando fala que seu pai iniciou a pesca do camarão e que sempre viveram desta pesca, assim como de peixes. O relato nos mostra um legado que o pai de seu Manoel deixou não somente para com seu filho, mas sim para esta comunidade, constituindo com isso, um dos principais meios de subsistência que ajuda cada morador que depende deste meio para se manter.

Entretanto, apesar de pouco estudo, conforme afirma seu Manoel, seu pai era um homem de muita sabedoria, com uma vasta experiência de vida, embora seu modo

---

<sup>4</sup> O Matapi é um instrumento pesca de camarão confeccionado com talas de palmeiras amarradas com fio ou cipó em formato arredondado formando dois funis.

simples de vida, ensinou como se fazia o Matapi, principal instrumento de trabalho do pescador de camarão. Um objeto que necessita de todo um conhecimento, para que possa se confeccionado de maneira que sirva no ato da pesca tornando-se uma arte feita pelas mãos dos pescadores de camarão, tais conhecimentos que vem se estendendo de geração em geração.

Nessa perspectiva, todo esse processo produtivo de como são confeccionados os instrumentos de pesca, o como: matapis, preparação das iscas, método de captura são práticas feitas de forma artesanal, com base em métodos tradicionais. No entanto, a captura pesqueira de camarão está atrelada ao amplo conhecimento que os pescadores possuem sobre o ambiente em que vivem. Da mesma forma, outros moradores de Itaperuçu que foram entrevistados, confirmaram a versão de seu Manoel, ao dizerem que quem iniciou a pesca do camarão em Itaperuçu foi “um senhor cametaense, pai do Manoel”, exceto dona Elizabete Mendes Vieira, que conta outra versão.

A senhora Elizabete Mendes Vieira, 63 anos, nascida na Vila de Araquembaua município de Baião, onde foi criada, conta que quando tinha 16 anos de idade casou com o senhor Zé Vieira, como este é conhecido, o casal teve 10 filhos. Ao iniciar a entrevista fiz a mesma pergunta que tinha feito para os demais entrevistados, sobre quem tinha iniciado a pesca do Camarão na comunidade de Itaperuçu, esta entrevistada relatou que tinha sido ela:

Meu filho quem começou a pescar camarão aqui em Itaperuçu foi eu, um dia quando tratava peixe e jogava o bucho no rio, sentia os camarões roendo os meus pés acho que o pitú os atrai, então tive a ideia de pescá-los para consumo próprio. Tinha um senhor que tinha me ensinado a fazer uma camaroeira, um cesto de tala com a boca de funil deferente do matapi que serve para pegar camarão, no outro dia bem cedinho fui no mato, cortei a tala e teci a camaroeira, coloquei no rio e peguei uma boa quantia de camarão que deu para todos jantarem em casa, daí em diante eu comecei a pescar camarão junto com meu marido (Elizabete Mendes Vieira, 63 anos de idade).

Dona Elizabete Mendes Vieira ao mencionar que também foi uma das primeiras moradoras a pescar camarão na comunidade de Itaperuçu, faz referências ativa aos papéis desenvolvidos pela mulher no início nas atividades da pesca do camarão em Itaperuçu. Da mesma forma, remete a outro tipo de instrumento de pesca utilizado para a captura do camarão, chamado de camaroeira, um cesto feito de tala de palmeiras, com uma boca de funil, diferente do matapi. O mesmo era mergulhado na água, depois a isca, bucho de peixe misturado com farinha. Quando os camarões entravam para comer a isca, não sabiam mais sair, desta forma era que funcionava a armadilha. Pode-se perceber na fala de dona Elizabete, o uso de sua observação e conhecimento para a

prática da pesca, conhecimentos esses que deram início a sua vida de pescadora nesta localidade. Esta mesma entrevistada narra como era feito a camaroeira e porque hoje em dia só se usa o matapi:

Como as frestas da camaroeira são feitas muito pequenas, a água escoava muito lentamente, tornando-o muito pesado, o que exigia muita força para suspendê-lo, por esta razão tive que usar o matapi que dependendo do tamanho pode pegar muito mais camarão e dá menos trabalho, o matapi e tecido em forma de um tubo grande tendo duas entradas para o camarão é todo de tala e amarrado de cipó e foi só agora que começou a se amarrar com fio (Elizabeth Mendes Vieira)

Nesse sentido, dona Elizabeth enfatiza que existe uma grande diferença entre os instrumentos de captura da pesca do camarão, matapi e camaroeira. Sendo que na camaroeira a captura se dá e por conta do escoamento da água que acontece durante o procedimento de pescado, enquanto o matapi se sobressai por ser mais resistente, fica amarrado com cipó, tendo duas entradas para capturar os camarões.

Observa-se que de início a pesca do camarão na Comunidade de Itaperuçu não era tão intensa, os moradores relatam que devido a cheia ou vazante do rio Tocantins, tinham que está se mudando para ilhas ou comunidades vizinhas, por conta dessa mudança, o senhor Zé Vieira e sua esposa Elizabeth narram as mudanças que faziam durante os períodos de enchentes:

Como você ouviu, foi a Elizabeth que começou a pescar camarão aqui, nós não tínhamos paradeiro, quando a água crescia nos ia lá para o Bacuri, é uma ilha que fica no outro lado do rio, lá a pesca era farta, tinha muito peixe e camarão e todo dia eu precisava juntar castanha e era a Elizabeth que arranjava a Boia (Zé Vieira).

Apesar de todo transtorno ocasionado pelas mudanças dos moradores de comunidade de Itaperuçu sem paradesiros no período de enchentes, para seu Zé Vieira e sua família não era tão ruim, pois eles ficavam numa ilha (Bacuri), nessa época a pesca ainda era abastecida, além disso, tinha a colheita da castanha e borracha os quais os ajudavam na produção de alimento para seu sustento.

Com o passar do tempo muitas atividades foram ficando escassa na região como a colheita da castanha do Pará e borracha e assim a pesca do camarão começou a se intensificar, as águas cada ano passou a crescer menos e os pescadores e moradores de Itaperuçu não precisaram se mudar do local. Com o tempo os pescadores foram

identificando que o melhor horário para a pesca do camarão era à pela manhã bem cedinho e, que os locais como área de várzea, a incidência de camarões, desta forma cada um já tinha seu ponto de pesca como funciona até hoje. Todos esses conhecimentos que os pescadores e pescadoras foram construindo, são frutos de suas observações e experiências e foram repassados de uma geração para a outra por meio da oralidade, transformando-se em uma tradição, fazendo parte da cultura e do modo de vida da comunidade.

O preparo do camarão para ser consumido pelo grupo doméstico e ser vendido é feito por meio do cozimento com sal em uma lata no fogo de lenha, após a captura o camarão é lavado e depois se faz a fritura a ser colocado em um paneiro<sup>5</sup>.

Além de iniciar a pesca do camarão em Itaperuçu e fabricar seus próprios apetrechos D. Elizabete Mendes Vieira foi umas das primeiras mulheres que tiveram a ideia de vendê-los na cidade de Baião, sede do município. Ela conta que primeiro ficava posicionada em baixo das mangueiras, na praça da cidade, para fazer a venda do camarão, que era feita medida em uma latinha de um litro que equivalente a um frasco. Para ela esta experiência foi positiva, pois, gerava aumento na renda familiar. Sem falar nas melhorias na qualidade de vida que esta atividade representou para os habitantes da comunidade de Itaperuçu, visto que as pescadoras ponderam ter seu próprio dinheiro, e assim participar no sustento das suas famílias.

Figura 10: Paneiro de camarão com a lata que serve de medida para a venda



Fonte: Dilamilton Junior, 2017.

<sup>5</sup> O paneiro é uma espécie de cesto tecido com tala de palmeiras ou cipó.

Com o camarão nossa vida melhorou, compramos casco, motor e até ajudou a fazer nossa casa. Tudo isso depois que nós camaroeiras tivemos a boa ideia de vender o camarão na cidade, hoje eu não vendo, mas muitas mulheres daqui vendem e já somos conhecidas por toda população pois este trabalho foi passando de pai para filhos e netos. Eu rezo até hoje para nunca chegar o fim do camarão, pois com ele todo dia temos dinheiro (Elizabeth Mendes Vieira)

De acordo com o relato de dona Elizabeth a pesca do camarão se expandiu em Itaperuçu e tornou-se uma das principais atividades econômicas realizada pela maioria das mulheres residentes da comunidade até os dias atuais, são diversos os lugares próximos de Itaperuçu onde elas vão em busca da pesca do camarão.

Hoje ainda são usados os mesmos apetrechos, como: o matapis, casco, balde, lanterna e isca, conhecimentos vêm das famílias cametaenses do seu Manoel, as práticas de dona Elizabeth, construídas por meio da observação, percepção e persistência, são transmitidas até os dias atuais a quem pesca o camarão na localidade.

No Município de Baião, há vários pontos de pesca do camarão, porém é em Itaperuçu que sua incidência é maior, há vários lagos pesqueiros na comunidade onde encontramos os crustáceos, principalmente no período da vazante onde o camarão está bem graúdo entre os meses de agosto a janeiro. A pesca guarda uma relação direta com o ciclo das águas e não ocorre com abundância no período da enchente, devido à dificuldade de captura da espécie que estão no período de reprodução. Esse período coincide com a época do Defeso de outras espécies, mas para o camarão, não há defeso, nem acordo de pesca o que leva a uma situação de risco social e ambiental, pois tanto o recurso natural pesqueiro, o camarão, se torna ameaçado, como a atividade produtiva também.

Até os dias atuais ainda não se tem projetos voltados para as pescadoras de camarão da comunidade de Itaperuçu a não ser o recebimento do seguro defeso, e desta forma é difícil ficarem os períodos de reprodução do camarão sem fazer a pesca, pois as parcelas do seguro defeso não sai na data certa e desta forma vai se prejudicando a multiplicação do mesmo que são capturados no período de reprodução.

Muito se espera para que os governos possam olhar pelas pescadoras de camarão para que possam ser reconhecidas e receberem orientação e apoio na preservação desta pesca que tanto elas se orgulham quando se auto denominam “Camaroeiras de taperuçu”.

## 2.2. MULHERES CAMAROEIRAS DE ITAPERUÇU

A pesca artesanal é realizada pelos povos que habitam a região amazônica há tempos imemorial e está presente em toda a Amazônia brasileira, servindo como principal fonte de alimento e importante fonte de renda (LIMA, 2005). Mesmo com a participação das mulheres na atividade pesqueira, pouco se fala delas na história desse segmento que geralmente é definido como sendo predominantemente masculino, colaborando desta forma para uma situação de invisibilidade dessas trabalhadoras, este autor vem nos mostrar a falta de valorização da mulher em meio a este trabalho, o qual são de grande importância, como veremos no decorrer da pesquisa.

Conhecida por todo município de Baião, como a comunidade das mulheres pescadoras e de beleza admirável, a comunidade de Itaperuçu é formada em sua maioria por várias mulheres, desde aquele que estão com bebês recém-nascidas, aquela já idosa de até 95 anos de idade. Durante a realização das entrevistas, muitas mulheres se diziam orgulhosas como pescadoras de camarão, contudo, se observou relato de mulheres se colocaram como ajudante do marido. A senhora Maria Celina das Neves dias, 41 anos, quando entrevistada, relatou que não se identificava pescadora de camarão, apenas ia para cidade vender e quem faz a pesca é seu marido e filhos.

Eu não sou pescadora nem de camarão e nem de peixe, meu serviço é ficar em casa cuidando das crianças e quando o meu marido chega eu trato o peixe e preparo o camarão para no outro dia vender na cidade, eu não gosto de ir para o rio porque o pessoal fala que vou para vigiar o meu marido, então prefiro ficar em casa (Maria Celina Neves Dias, 41 anos)

Podemos perceber na fala da entrevistada que a mesma não pratica a pesca devido, em sua maioria, alguns comentários preconceituosos que os próprios moradores da comunidade julgam, originando um problema que muitas vezes vem afetando seu meio social. Além de Dona Maria Celina, existem outras mulheres, como a senhora Micilene da Silva Cabral e Dicelia Monteiro, as quais nos relataram também um certo preconceito que sofrem por algumas vezes acompanharem o marido na pesca.

Diante dessas abordagens fica evidente que aos poucos as mulheres vêm se destacando cada vez nessa busca de reconhecimento e valorização numa sociedade que ainda prevalece um mundo machista, mas que elas não deixam de lutar pelos seus ideais assumindo o papel que outrora era praticado em sua maioria por homens e hoje é

praticado por muitas mulheres que fizeram desta profissão uma das suas principais fontes de renda.

Como nos relata a Senhora Maria Celina Neves Dias ao falar de outras companheiras, mulheres pescadoras que pescam sozinhas camarões sem ajudada de seus maridos.

Eu mesmo como te falei não pesco, mais aqui tem a Rose é uma amiga minha que realmente representa as mulheres do Itaperuçu, ela desde que o Marido começou a beber teve que ir para o rio pescar, vai lá ela mora perto do campo e vai te contar toda a História (Maria Celina Neves Dias).

O medo do preconceito, os afazeres do lar são impedimentos que faz com que mulheres como dona Maria Celina se acomodem em casa e sejam vistas apenas como a mulher do pescador. Um ponto muito interessante que me chamou bastante atenção em sua entrevista, foi o modo que fala de sua amiga e companheira Rose que pesca sozinha, sentir na sua fala como se ela estivesse sendo representada pela amiga.

Encerrando a entrevista com a senhora Maria Celina, segui a procura da senhora Rose e ao chegar em sua casa me surpreendi, já conhecia a mesma, que me recebeu muito bem. A senhora Rosimeire Monteiro com 44 anos de idade, tem 4 filhos e sempre pescou acompanhando o marido, até que ele entrou no vício da bebida, e ela se viu com a obrigação de assumir as despesas da família como nos relata em sua entrevista:

Olha vou te contar como virei pescadora de camarão. Tem uns 6 anos meu marido começou a beber direto, não pescava mais e o dinheiro que pegava ia tudo pro bar, um dia eu fui conversar com a minha mãe e ela me aconselhou a tomar frente do serviço, foi que eu recebi o meu seguro defeso e comprei uma rabeta com casco e uns matapins e comecei a pescar o camarão, eu já sabia um pouco pois aprendi com a minha mãe (Rosimeire Monteiro).

A necessidade que a senhora Rosimeire enfrentou, hoje é um dos problemas mais relevantes no contexto social, as mulheres pescadoras de camarão muitas vezes se sentem na obrigação de assumir um papel da família. Sendo assim, mesmo com o problema do Marido, dona Rose enfrentou as dificuldades e foi através do provento do seguro defeso que lhe deu suporte para compra de matérias de pesca, que ela tomou frente do trabalho do pescar. O conhecimento que ela recebeu da mãe foi o que lhe ajudou bastante nesse processo e assim ela se tornou pescadora de camarão, através de uma luta em prol de sua família.

Nesse sentido, é notório a satisfação de dona Rosimeire ao nos falarmos que hoje se sente muito feliz em ser uma pescadora de camarão e que já aprendeu todos métodos de captura que foram sendo repassados oralmente por seus pais.

Eu fui apendendo devagar, quem sempre me acompanhou foi o meu filho maior que conduz a rabeta, nós pescamos em vários pontos do rio, tem dias que a pesca ta muito fraca. Quando eu pesco muito eu volto logo para casa e vou preparar o camarão para vender na cidade (Rosimeire Monteiro).

Foram conhecimentos adquiridos na prática com experiências de vida e que no decorrer de sua trajetória como pescadoras de camarão, foi-se evoluindo e se expandindo conforme seus relatos, uma vez que hoje ela não somente pesca o camarão acompanhado de seu filho, mas assume todo o processo da captura até a comercialização. No meio da entrevista a mãe da senhora Rosemeire, dona Leodina Monteiro Silva (Dina) como é conhecida entrevistou e contou um fato sobre o marido da Rosimeire:

Olha eu fui quem aconselhou a Rose a ir pescar o camarão, eu já pesquei a muito tempo, e hoje devido alguns problemas de saúde só vou vender na cidade o camarão que meus filhos pegam. Ano passado no festival do camarão que nós fazemos aqui a Rose tinha pegado uma boa quantia de camarão é no é que o marido dela teve coragem de pegar escondido do frizer e vender para ir para festa, meu filho tu nem sabe a raiva que me deu, esta minha filha vive desta pesca e ele ainda tem coragem de vim tirar o pouco que ela pesca (Leodina Monteiro Silva).

É visível a revolta da mãe da Rosimeire em relação ao esposo que além de não contribuir com a renda familiar, ainda estabelecendo uma relação de conflito entre sua família, decorrente a um problema que acontece também em muitas famílias. Outro ponto importante que não podemos esquecer é a importante representação que a senhora Rosimeire é hoje nesta comunidade, uma mulher que devido as necessidades do lar teve que assumir o papel de pai e mãe e vem sendo exemplo de luta não só para comunidade como too município de Baião. Hoje a Rosimeire é bem vista por toda comunidade pois apesar do preconceito não deixou se abater e de cabeça erguida virou uma pescadora de camarão e muito se orgulha de sua profissão.

Eu não tenho vergonha de dizer que sou pescadora de camarão, muitas amigas minhas tem medo do povo falar, só que eu sempre digo que o povo não me sustenta e se eu quiser pôr o alimento na mesa para os meus filhos eu tenho que ir à luta (Rosimeire Monteiro).

A partir dos relatos dos participantes da pesquisa, percebemos que muitos moradores possuem escolaridade apenas o nível fundamental, muitas casaram no início de sua juventude, entre os catorzes e os dezoito anos. Têm de dois a 14 filhos (as). Muitas não fazem uso de contraceptivos convencionais, aquelas com número maior de filhos, atribuem tal fato a vontade divina, afirmando que foi da vontade de Deus. A maioria das mulheres permanecem na comunidade e outras foram morar para outras cidades em busca de obter conhecimento através dos estudos.

O cotidiano das camaroeiras é ativo e pluriativo, dormem e acordam cedo. Geralmente às cinco da manhã estão despertas, cuidam das tarefas da casa, dos filhos e do marido. Fabricam e consertam os matapis e rede de pesca. Algumas São as responsáveis pela pesca ou pela venda do camarão. Alguns maridos as acompanham. Consideram a vida entre os comunitários como boa e harmoniosa, com amizade e união, mas como seres humanos alguns desentendimentos de ideias que são resolvidas através das conversas em grupo. A relação das pescadoras com os homens que as acompanham na pesca do camarão é boa. Geralmente é o esposo ou filhos quem dirige as rabetas e as levam para a pescaria.

Na comunidade, além das mulheres que pescam, tem as que apenas vendem o camarão na cidade de Baião, logo que o camarão é capturado, passa pelo processo de fritura onde se faz necessário todo um procedimento e conhecimento para que o camarão fique no ponto certo do sal, em seguida colocado no paneiro, pronto para na manhã seguinte, antes do raiar do sol seguir para ser comercializado pelas mesmas nas rua e calçadas de Baião.

Figura 11: O prepara do camarão para comercialização



Fonte: Sandoval Lameira, 2015

Desta forma funciona o trabalho da pesca na comunidade de Itaperuçu, os conhecimentos foram obtidos através de observação e oralidade, ainda não se tem uma organização formalizada a vida em comunidade é bastante forte onde a decisão é tomada pela maioria dos comunitários que sempre que querem decidir algo, reúnem o povo e juntos acham a melhor solução para os problemas sem ter uma associação legalizada mais que já estão em busca da mesma para que desta forma possam ter como reivindicar os seus direitos juntos aos poderes públicos e a sociedade.

### **2.3. ACOMPANHANDO A PESCA DO CAMARÃO DA DONA ROSIMEIRE.**

No decorrer da entrevista fui convidado pela senhora Rosimeire para acompanhá-la na pesca do camarão, saímos pelo rio Tocantins às 6:00hs da manhã em uma rabeta, que era guiada pelo seu filho casula. O ponto estratégico de pesca foi em frente a comunidade vizinha de Araquimbaua, onde os matapins já estavam posicionados em lugares estratégicos de captura. Logo que nos aproximamos de uma praia, a senhora Rose de longe avistou uma de suas boias, que são garrafas de refrigerante pequenas, cada pescador tem sua boia de identificação para que desta forma não mexa no camarão do outro.

Figura 12, Rosimeire seguindo rumo a pesca do camarão



Fonte: Dilamilton Junior, 2016

Como mostra na figura 04, relacionado ao trabalho da pesca, a senhora Rose, vestida com uma camisa manga longa, calça comprida e um chapéu na cabeça, começa a retirada dos matapis, abrindo a porta lateral e em seguida um movimento para que os camarões possam cair no paneiro, já localizado no fundo do casco como nos mostra a figura a baixo.

É interessante na observação deste processo a forma com que pescadora Rosimeire maneja o matapi, de modo que não se prenda o mesmo nos troncos e sem desperdiçar nenhum camarão. Rosimeire destaca que a pesca, não é simplesmente colocar e depois retirar o matapi e sim, se faz necessário todo um conhecimento desde os dias mais favoráveis para a pesca, até os locais mais propícios. Tais conhecimentos foram construídos por meio da observação, percepção e persistência da mesma a quem já pesca camarão há muitos anos como seus próprios pais e familiares.

Ninguém acreditava em mim, diziam que eu estava ficando maluca, que não ia dá certo e que eu não ia aprender. Deu certo e eu aprendi (Rosimeire Monteiro).

Nas primeiras retiradas dos matapis, Rosimeire já afirma que a pesca será fraca, devido à água terem baixado, e comenta sobre sua preocupação com a poluição dos rios, que está com muito medo de perder sua principal fonte de renda, devido os descuidos de muitas pessoas que causam esta poluição.

Eu tenho muito medo de um dia o nosso camarão acabar, estou até com vergonha de ter te convidado justamente este período que a pesca está tão fraca, mas infelizmente não posso parar já que essa é minha principal fonte de renda. Fico tão braba quando vejo jogarem tanta imundice nesse rio (Rosimeire Monteiro).

Seguindo a pesca, em cada matapi que ela retirava da água, dava para conferir os poucos camarões capturados, além de estarem bem pequenos sendo que este período é de reprodução da espécie como nos fala a pescadora. Seguindo e segue até uma beira de praia com muitas plantas, onde tem três matapis e nos fala que esses locais são estratégicos tendo em vista que são escuros e com muitos mururés (Planta aquática comum na área de várzea), a incidência de camarões é maior e que o Barulho feito com uma vara afugenta os mesmos. Todos esses conhecimentos que ela foi construindo, fruto de suas observações e experiências, foram repassados de uma geração para a outra

por meio da oralidade, transformando-se em uma tradição, fazendo parte da cultura e do modo de vida da comunidade como ela mesmo afirma.

Figura 13: Dona Rosimeire retirando o camarão do Matapin.



Fonte: Dilamilton Junior, 2016.

Já passado uma hora de pesca, o balde grande de embalagem de manteiga ainda não preenchido nem mesmo o fundo pelos camarões capturados, dona Rose segue para os últimos matapis que estão próximos a uma linda praia a qual ela faz questão de mostrar, um lugar lindo. Como Rosimeire já tinha falado no início, a pesca foi realmente fraca, ela reafirma que só iria melhorar no mês de agosto e que esse ano e no outro o camarão iria ser grande e farto. Realmente os camarões que estão vindos de Itaperuçu para serem vendidos na cidade estão em grande fartura além de tamanhos poucos vistos a anos.

Voltando da pesca continuei a entrevista com dona Rosimeire que também destacou os desafios do trabalho, é muito perigoso à pesca, eu e meu filho esse que está aqui, na época com nove (09) anos, fomos quase pegos por uma arraia nesta mesma praia. Foi um milagre termos escapado, é cada uma que enfrentamos (Rosimeire Monteiro).

Nesse perspectiva, é importante ressaltar as dificuldades enfrentadas pelas pescadoras camaroeira como dona Rosimeire, uma série de situações que ocorrem durante a realização de seu trabalho do pescado, começando pelos impactos ambientais em torno do rio Tocantins, perpassando por pontos estratégicos da capturas de camarões que nem sempre está favorável e por fim, os riscos de vida ocorrido pelos fenômenos da natureza, como enfatiza o perigo da arraia, entre outros, enchentes, banzeiros, alagamentos etc.

Por volta das 11:00 horas, foi encerrado a pesca, devido o horário de entrada do filho de dona Rosimeire na escola. Uma preocupação que se faz bastante necessária e que nos mostra que apesar da necessidade de se sustentar, dona Rosimeire muito se preocupa com o aprendizado dos filhos, dividindo o tempo dos mesmos, entre ajudar nos afazeres, estudo e lazer.

Apesar de todas as dificuldades apontadas pela dona Rosimeire, ainda é notório mencionar sobre como a pesca do camarão cresceu e tornou-se a principal atividade econômica realizada por maioria das famílias residentes nas comunidades de Itaperuçu e vizinhas, onde há vários parentes da dona Rosimeire, que ao lembrar como tudo começou, em destaque:

Tive a necessidade de aprender a pesca do camarão, foi meu primeiro e único emprego. Foi um ramo ensinado pela família, para todos ganharem dinheiro e se manter. Não há segredos, todos têm necessidades, nunca fui ambiciosa, sempre ensinei o que aprendi. Eu pesco, eu cozinho, eu e minha filha vendemos. Meu marido só bebe, nem me preocupo mais com isso. Mais do que trabalho, a pesca do camarão é um modo de vida da gente (Rosimeire Monteiro).

Encerrando a pesca dona Rosimeire ao me deixar, segue rumo a sua casa para continuar seus afazeres diários prometendo uma próxima pesca e que da próxima com toda certeza o balde de manteiga que serve para trazer o camarão vem até a boca de camarão. De acordo com Heller (2008), “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro”, nela o ser humano se revela em todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade, deixando vir à tona seus sentidos, seus valores, suas crenças, sua

capacidade intelectual, suas habilidades, seus sentimentos, suas ideias, suas paixões e ideologias (HELLER, 2008, p. 31).

Nesse sentido, o cotidiano das camaroeiras de Itaperuçu se configura em um espaço privilegiado de observação, onde temos a oportunidade de capturar por trás dos seus afazeres algo não dito nem percebido por meio da entrevista, mas mostrado através o seu trabalho o imensurável orgulho de ser pescadora de camarão.

Dona Rosimeire hoje é uma das mulheres que representam a pesca do camarão nesta comunidade, e apesar de todo seu trabalho ela tira o tempo para família, fé e diversão onde com muito orgulho nos mostra as selfs que faz em seus momentos de lazer, mostrando que o lugar da mulher é em todo lugar como nos mostra as imagens abaixo.

Figuras: 14, 15, 16: Dona Rosimeire em seus momentos de lazer.



Fonte: Rosimeire, 2017.

## 2.4 CELEBRANDO A PESCA COM FESTIVAL DO CAMARÃO: CULTURA E TRADIÇÃO DO POVO DE ITAPERUÇU.

A cultura é formada por diversos fatores distintos, como religião, crenças, costumes de um povo dentre outras experiências vividas e adquiridas pelo homem a partir de determinados espaços. Cada sociedade traz consigo suas próprias formas de organização cultural, assim a cultura se torna em vários aspectos (TYLOR, 1963)

Para Tylor a cultura é vista como um conjunto de formas de expressões e manifestações de um povo que pode ser criada ou reinventada a cada dia, seja pelo modo de vida de um grupo ou de um simples ato artístico do ser humano como um

membro da sociedade que vai valorizar seja uma expressão ou uma festa cultural (TYLOR, 1963).

A comunidade de Itaperuçu, em sua história tem uma forte influência cultural, nos relatos dos mais antigos moradores, relembram a saudosa Festividade da Nossa Senhora da Misericórdia que acontecia sempre no mês de junho, que teve seu fim, pois, os antigos festeiros acabaram morrendo e seus antecedentes não deram continuidade na tradição, hoje a comunidade tenta reconstituir está linda festa, com a construção da Igreja que receberá o nome de nossa senhora da Misericórdia. A igreja é dirigida por um grupo comunitário, ligado a paróquia da cidade de Baião, entre esses comunitários, temos a Dona Rose pescadora de camarão e assim como suas amigas que animam as celebrações religiosas da Igreja.

Contudo, os animados torneios esportivos que animam o mês de julho e as tardes da comunidade nunca foram deixados de lado na comunidade. As mulheres além de pescar e realizarem seus afazeres em casa e na comunidade, também mostram que são boas de futebol, e desta forma participam dos torneios que acontecem na comunidade.

No ano de 2004 um grupo de moradores e pescadores, resolveram realizar uma festa para celebrar a pesca do camarão, atividade de maior movimentação na localidade, desta forma realizaram uma festa só com os comunitários. No ano seguinte, a festa tomou uma maior proporção, recebendo o nome de ‘FESTIVAL DO CAMARÃO’, contou com o apoio de todos os pescadores e moradores da comunidade que contrataram uma banda da cidade de Cametá, fizeram um movimento de divulgação e nos meses anteriores a festa, retiravam da pesca de cada família uma certa quantia de camarão para ser distribuído na festa.

O pequeno festival foi ganhando proporção, chamando atenção de toda cidade de Baião, assim como das cidades vizinhas e nos anos seguintes a festa foi crescendo. As mulheres camaroeiras de Itaperuçu, são peças fundamentais neste festival, pois, são elas que organizam as vendas de pratos típicos feitos com camarão, assim como fazem parte da comissão organizadora. Em 2016, ano que iniciei a pesquisa para este estudo na localidade, as mulheres foram responsáveis pela alvorada do festival, que atualmente acontecem em três dias. Ao entrevistar a jovem Celiene Neves de 28 anos, está fala da alegria em poder estar junto as suas amigas realizando este grande evento e em especial este ano a grande alvorada, que abre os três dias de festejo.

Estou muito feliz, pois, este ano, nós mulheres estamos em número maior dentro da comissão do festival, além de tudo nos que vamos fazer a alvorada, já estamos nos preparando a meses e todo dinheiro que pegamos da venda do camarão, já tiramos uma pontinha para ajudar na compra dos fogos e claro nossas roupas. É só uma vez no ano que tem essa festa né, então temos que está bem bonita (Celiene Neves).

Da mesma forma, é perceptível o entusiasmo na fala de dona Paula quando se refere à participação das mulheres no festival, mesmo porque são elas que fazem uma boa parte do processo de pesca e venda do camarão e durante os três dias de festas, elas também trabalham nas vendas de comidas, distribuindo camarão nas mesas e até mesmo na venda de ingressos, mostrando que elas são fundamentais no festival. Podemos perceber também a euforia de dona Paula quando nos fala de toda preparação e espera durante o ano para o festival, em especial, as mulheres aguardam ansiosas junto as suas famílias, preparando suas casas para receberem os parentes e visitantes pensando desde a pintura da casa a roupa que usarão nos três dias de festa. Toda esta preparação necessita de gastos que são custeados pela venda de camarão nas ruas da cidade de Baião e as mulheres camaroeiras, como são chamadas, não medem esforços para realizarem seus trabalhos com muito esforço e dedicação.

Figura 17: O Festival do camarão, momento da festa.



Fonte: Dilamilton Junior, 2017

O festival do Camarão, sem dúvida, é um dos maiores festivais do baixo Tocantins, além de animar a comunidade e toda sua redondeza tem um significado

maior que é celebrar a fartura da pesca como nos fala a pescadora de camarão, Dona Rosimeire:

O festival é um momento de festejar a fartura e a pesca do camarão, cada ano o festival vai crescendo mais, hoje o pequeno barracão já está maior, as bandas sempre são as que mais estão tocando e o povo já pergunta se vai ter muito camarão para dar, sim porque nos damos o camarão e eu nunca vi uma festa que faça isso (Rosimeire Monteiro).

Neste sentido, o festival do Camarão é uma festa cultural que expressa toda gratidão do povo de Itaperuçú ao meio natural que agraciou este lugar coma fartura do camarão que traz o sustento de cada família, e desta forma o festejo se faz cultura quando reúne o povo através das manifestações e gestos de trabalhos que vão desde a primeira reunião de preparação ao bailado das danças da tradicional varrição que acontece sempre no último dia da festividade.

A cultura faz parte do cotidiano das pessoas, e esta aliada ao lazer pode influenciar de forma positiva a organização social do lugar. A festa é um exemplo claro de como a cultura é complexa, segundo as ideias de Bosi (1994) a festa, em relação á outra cultura popular permeia s outras manifestações, conservando as tradições conservando os costumes de um povo em se espaço de vivencia. A festa nos leva a conhecer a realidade do lugar, o modo de vida e toda a evolução que a mesma vem causando em cada ano (BOSI, 1994).

O festival do Camarão, em 2017, já está em sua 13ª edição, vem a cada ano crescendo, e desta forma mudando a vida dos moradores da comunidade, que agora já é conhecida por todo o estado do Pará, estando até nos calendários festivos do município. Além de ser importante na economia tanto da comunidade quanto do município que recebe visitantes, as distribuidoras de bebidas que fornecem para o festival, os supermercados e comércios que vende alimentos e as lojas de confecções e sapatos que já esperam as mulheres da comunidade que como disse dona Paula esperam o ano inteiro para estarem lindas no festival, afinal elas merecem este momento de diversão onde vão deixar o trabalho da pesca e venda e vão celebrar a fartura e o trabalho diário.

No ano de 2016 o festival trouxe como novidade a escolha da Misse Camarão, um desfile, que foram representados pelas lindas moças, filha dos pescadores e vendedoras de camarão, quando a desembaraçada jovem Joseli, em sua apresentação dançou o animado carimbo, levando assim o título de campeão do festival. Mais uma vez a participação das mulheres se faz importante no festival, além de fazerem parte da

comissão organizadora, vendendo comidas, desfilando, fazendo alvorada e dançando as mulheres camaroeiras são peças fundamentais deste festival que representa a cultura do povo de Itaperuçu.

FIGURAS: 18, 19, 20, 21: Mulheres trabalhando no festival do Camarão em Itaperuçu, através de vendas e distribuição de camarão na festa.



Fonte: Dilamilton Junior, 2016, 2017

O festival além de animar a comunidade, traz renda para as famílias que neste período fazem vendas como o tacacá, chopp, salgadinhos, vatapá e o próprio camarão que e transformados em variados pratos feitos pelas mãos das mulheres que se dividem ao trabalho mostrando todas suas habilidades culinárias perante a sociedade. Festejar, dançar e celebrar é a forma que o povo de Itaperuçu encontrou para agradecer a fartura do camarão em especial a este ano que de acordo com os pescadores, nunca se viu o camarão tão grande. Cultura é vida, cultura é toda manifestação de união de um povo, cultura é a celebração da pesca do camarão que já virou tradição em todo município de Baião.

## **2.5 O RECONHECIMENTO PROFISSIONAL DAS PESCADORAS DE CAMARÃO DE ITAPERUÇU: DESAFIOS E LUTA.**

As leis trazem uma concepção ampliada de pesca e contribuiu para o reconhecimento das mulheres como agentes produtivos quando consideram que a Atividade Pesqueira Artesanal são os trabalhos de confecção, reparos de artes e apetrechos de pesca e o processamento do produto da pesca artesanal, nos quais é grande e significativa a presença feminina, mas no que se refere às mulheres pescadoras de camarão não há políticas públicas específicas, neste sentido, a pesquisa nos chama atenção pelo preconceito em relação às mulheres pescadoras, que passa primeiro por parte dos próprios maridos, depois da sociedade e dos governos que parece não enxergá-las.

Nos relatos de algumas pescadoras, eis que nos falam da falta de valorização e que o seguro defeso não abrange as pescadoras de camarão e que recebem pelo fato de serem ribeirinhas e terem seus maridos como pescadores.

Aquí no Itaperuçu a maioria é mulher, mas não são valorizadas e apenas nos conhecem como vendedoras de camarão sem saber que tem muitas mulheres que pescam. O seguro que a gente recebe uma vez no ano, isso com muito sacrifício só chega na nossa mão porque nossos maridos pescam e nos devido ser do interior também somos consideradas pescadoras. Queiramos ser reconhecidas como pescadoras de camarão, mas até hoje parece que não se reconhece esse trabalho (Leodina Monteiro Silva)

Apesar de receberem o seguro a necessidade de reconhecimento como pescadoras de camarão se faz presente nas mulheres de Itaperuçu, uma necessidade que não se faz necessária apenas pelo reconhecimento social, mas pela necessidade de outros serviços que elas podem obter. As pescadoras argumentaram que reconhecer sua condição significa, também, incluir a prevenção dos problemas de saúde ocupacional que lhes afligem, tais como de coluna e de pele devido à exposição ao sol, infecções ginecológicas e vulnerabilidade a insetos e animais como arraias. Elas pleiteiam uma cobertura de saúde mais abrangente e adaptada a sua realidade. Lembram que, assim como os pescadores, elas trabalham desde muito cedo. Finalmente, as pescadoras almejam segurança nos territórios de trabalho e de moradia que o seguro que deveria ser para se manterem durante o período de defeso e usado para construir suas casas e obter

objetos de necessidade, já que além da bolsa família é apenas este benefício que recebem.

Estou muito preocupada, pois nem todas as mulheres são cadastradas como pescadoras, não sei se é patetice ou falta de conhecimento e ainda tem uns espertinhos que abusam da falta de saber delas e fazem o seguro através de negociação ficando com a metade do dinheiro. Tem muita gente em Baião fazendo isso, muitas pessoas de condições recebem o seguro sem ao menos terem pegado em uma fibra. Fico muito braba, poxa tem tantos pescadores, principalmente mulheres que não ganham e vem os espertinhos ficam só no bem bom (Leodina Monteiro Silva).

O problema citado pela pescadora realmente é preocupante, tendo em vista que a falta de conhecimento deixa muitos pescadores em sua maioria mulheres à mercê, de pessoas que usam da ingenuidade para usufruírem dos direitos que é do pescador. Este problema se faz presente em muitas comunidades e nada se faz para que seja denunciado, de forma que cada vez mais os pescadores vão perdendo seu espaço de reconhecimento e direito.

Na comunidade de Itaperuçu não há uma associação que lute pelos direitos dos pescadores em especial das mulheres, o camarão é vendido individualmente e o único setor de referência é a Colônia de pescadores Z-34 que fica na cidade de Baião, local onde só vão quando dá algum problema no recebimento do seguro, para assinar a liberação das parcelas e pagar sua contribuição que ajudara na vinda da futura aposentadoria. Os problemas como vimos não e apenas no seguro defeso, as mulheres reclamam como vimos do relato acima a falta de projetos voltados a moradia, saúde, educação entre outros que devido à ausência e faz necessário usar as parcelas do seguro para realizar alguns desses serviços. Um dos exemplos são as moradias que são construídas com o valor recebido no seguro defeso e como disse a pescadora acima esse valor é para se manterem durante os 4 meses de defeso, algo que não acontece e deste modo a pesca não para prejudicando a cadeia produtiva.

Outro problema que devemos ressaltar é a saúde que não tem um trabalho específico voltado a essas mulheres e dependem dos postos de saúde e hospitais da cidade e capital que sem plano de saúde se penduram nas filas e assim ficam margem das políticas públicas, quando chega a época da aposentadoria muitas já se encontram com várias enfermidades, adquiridas no decorrer dos anos em função do exercício da profissão sem a assistência devida, como é o caso das doenças de pele e a deficiência visual.

O reconhecimento, por meio das políticas públicas governamentais, das mulheres pescadoras passa pelo processo de auto identificação dessas mulheres enquanto trabalhadoras da pesca, portando sujeitos de direitos e pela capacidade de mobilização que as mesmas apresentarem em prol de suas reivindicações, situação está não visualizada na comunidade estudada. As mulheres pescadoras muito falam em seus direitos, mas nada fazem para garanti-los e desta forma permanecem sempre no mesmo problema.

Com base nessas preocupações voltadas ao futuro destas mulheres foi necessário ressaltar sobre a possível união e criação de uma associação ou grupo de luta para que estas mulheres pudessem reivindicar seus direitos e conquistas fundamentadas nas lutas, sobre esse ponto de vista a pescadora mais atuante dona Rosimeire responde da seguinte forma:

Nós estamos iniciando uma organização, o problema é que só falam e na hora de agir arranja algum afazer dentro da casa e nunca dá para reunir todas. Eu sei que se reivindicarmos nós vamos conseguir muita coisa, um exemplo é o espaço de venda nos fincamos o pé e lutamos contra os mandos da prefeitura e até hoje permanecemos na praça, apesar de nenhuma condição de higiene. Nós vamos se unir eu sempre falo é para o nosso bem (Leodina Monteiro Silva).

Fica evidente a grande preocupação com relação as mulheres pescadoras de camarão pelo fato que em sua maioria as mulheres precisam conhecer sobre seus direitos, para isso, é fundamental total esclarecimento e conhecimento de como procede tal situação, dessa forma, é necessário que se faça presente e a união de todas as mulheres pescadoras como nos falou a Rose, a luta só poderá ter sucesso com a união de todas e o exemplo da conquista do espaço de venda do camarão mesmo com péssimas condições de higiene e estrutural, já tivemos um bom exemplo que a união faz a força.

O problema vai muito além do cotidiano, as lutas seguem até o período de suas aposentadorias que como disse acima muitas das vezes só são liberadas quando os beneficiados já estão à beira da morte, pois em uma assistência social de qualidade a vida se faz curta perante os problemas adquiridos durante uma trajetória de trabalho árduo. Hoje se faz necessário que as mulheres camareiras se unam pela busca de seus direitos e reconhecimento e não fiquem apenas como sombras de seus maridos.

## **2.6 SOBREVIVÊNCIA E SUBSISTÊNCIA: A LUTA DAS MULHERES PELA TRADIÇÃO E CONSERVAÇÃO DA PESCA DO CAMARÃO.**

A luta das camaroeiras de Itaperuçu pela tradição e conservação da pesca do camarão é literalmente uma luta em busca da sobrevivência e subsistência do seu grupo familiar Doméstico. Nesse sentido, a família constitui-se como espaço indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção dos filhos. Os termos sobrevivência e subsistência possuem significados que se complementam entre si. A sobrevivência se refere à luta pela permanência da própria existência biológica por meio da busca por alimento e a subsistência compreende a forma como se dá essa luta pela sobrevivência, geralmente em regime de economia familiar, visando à manutenção do grupo familiar doméstico (PATERNIANI, 2001).

No caso, a pesca artesanal do camarão é uma pesca de subsistência porque garante a sobrevivência e a manutenção do grupo familiar doméstico das pescadoras Itaperuçu. A sobrevivência do grupo familiar depende dessa pesca. Na luta pela subsistência há uma situação que antes não se caracterizava como um problema para as pescadoras de camarão: com quem deixar os filhos pequenos. Os maridos nem sempre realizam esta atividade, o apoio é inconstante, como elas mesmo relatam.

Às vezes os maridos ajudam, mas as vezes não. Não temos com quem deixar nossos filhos pequenos. Antes dava para ficar com outro mais velho, mas hoje não, a comunidade está muito perigosa e nossos maridos também vão em busca do pão de cada dia (Maria Celina das Neves Dias).

A preocupação das mulheres com seus filhos pequenos e família torna-se um problema para manter o trabalho da pesca, elas fazem o possível para manter este trabalho não apenas pelo fato de necessitarem para sobreviver, mas também para preservar uma tradição deixadas pelos seus antepassados que vem se perpetuando de geração em geração. Quando na saída para acompanhar a pesca de Dona Rose é visível sua tristeza quando nota a pouca quantidade de camarão pescada e além dos problemas e conta tempos na família, a pouca reprodução de camarão se torna uma preocupação ainda maior.

Já no segundo semestre do ano de 2016, o camarão veio em abundância e seu tamanho surpreendeu todos que dele sobrevivem, os paneiros que são trazidos nos braços das camaroeiras de Itaperuçu entram nas casas e lojas da cidade de Baião e estas

mulheres são conhecidas por todos e apesar da concorrência sem precisar de tabela elas de comum acordo estipulam o preço do produto, e cada uma volta com seu paneiro vazio e seu dinheiro no bolso para assim comprar o alimento diário entre os bens de consumo.

As pescadoras de camarão nos relatam que suas vidas foram sempre voltadas a pesca do camarão e pescando ou acompanhando os seus maridos vão praticar este trabalho até quando suas possibilidades físicas lhe permitirem, como nos fala dona Nate, de 71 anos de idade, que atualmente, devido os problemas de saúde de idade, não pratica mais a pesca, nos fala que criou seus filhos com a venda de camarão e que agradece a Deus por ser uma pescadora de camarão com muito orgulho.

Desde mocinha com 12 anos eu já acompanhava meus pais na lida do dia a dia, pecava peixe e quando iniciou a pesca do camarão eu fui aprendendo e já com meu marido fiz deste trabalho meu sustento. Eu gosto de ser chamada de pescadora de camarão e peço que minhas filhas e netas não deixe esse trabalho morrer e todo tempo que eu viver vou ensinar elas a terce o matapim e elas vão junto com as mães pescar o camarão (Maria Nate de Souza Rodrigues).

FIGURA 22: Senhora Maria Nate de Souza Rodrigues, 71 anos, uma das pescadoras mais idosas da comunidade de Itaperuçu.



Fonte: Dilamilton Junior, 2016

A sobrevivência, subsistência e tradição são as principais armas que matem a pesca do camarão. Dona Nate uma senhora já bastante idosa, traz mãos e pés com os calos do trabalho que foi marcado de lutas pela família, em seu olhar o prazer em se declarar uma pescadora de camarão que passou madrugadas no rio para que seus filhos tivessem

o que comer no dia seguinte. E esta tradição que matem vivo este trabalho que tornou esta comunidade como ponto referencial de pesca de camarão no município.

As jovens do Itaperuçu cultivam a tradição que vem sendo passadas pelos seus pais e avós e como dona Nate, muitas falam com orgulho que são filhas de pescadoras e que vão estudar pois precisam ter um futuro melhor, mas que a pesca sempre estará presente pois foi dela que elas cresceram e vão sempre repassar aos seus posteriores a importância deste trabalho para formação de Itaperuçu.

As ruas de calçadas da cidade de Baião se faz cenário vivo destas mulheres pescadoras, a pracinha das lanchonetes, à frente da farmácia big Farma e as ruas viram o comércio de camarão e a tradição se fortifica no paneiro e nas latas envelhecidas, que se fazem um dos instrumentos de trabalho destas mulheres.

Sobreviver para essas mulheres não é apenas trabalhar para comer, sobreviver para elas é manter uma tradição que as criou e que elas sempre as manter, assim como o seu grupo familiar. E como elas gritam em suas vendas, este grito vai ecoar e manter sempre firme a tradição da pesca do camarão e confirmar que as mulheres de Itaperuçu são pescadoras com muito orgulho.

## **RESULTADOS DA PESQUISA**

No caminho percorrido neste estudo desde a escolha do tema, quando uma pergunta ficava em minha cabeça: Porque as mulheres de Itaperuçu que apenas vendiam o camarão nas ruas da cidade, agora também pescavam, papel que era apenas dos homens?

Voltei meu olhar para o outro lado do rio Tocantins, município de Baião, nele residem mulheres, homens, crianças e pessoas já idosos que vivem do trabalho voltado principalmente para pesca do camarão, em uma luta cotidiana em busca da subsistência do seu grupo familiar doméstico. No decorrer da pesquisa de campo e das entrevistas feitas com essas mulheres, através de seus relatos e histórias de vida, minha concepção foi mudando, pois, as mulheres não tinham iniciados a pescar recentemente e sim foram elas na pessoa da camareira Elizabete, que iniciou a lida na pesca do camarão, assim como, o incentivo para que as mesmas fossem vender na cidade.

As pescadoras de camarão residentes em Itaperuçu vivem do seu trabalho como a pesca, mas com difícil acesso as políticas públicas ao qual têm direitos. Não são reconhecidas como pescadoras simplesmente este trabalho é visto como fonte de renda

familiar. Sem descanso, essas trabalhadoras da pesca não param, trabalham dia e noite na pesca do camarão concomitante com as atividades que desenvolvem com a agricultura, a criação de animais, os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos e com o marido. O ritmo de trabalho é intenso e segue de acordo com o ritmo das águas. O período da cheia serve tanto de defeso para o camarão quanto para diminuição no ritmo de trabalhos dessas pescadoras, tendo em vista que mesmo o período sendo proibido para pesca, se faz necessário que as mesmas pratiquem a pesca, pois, necessitam da venda para se manterem.

Podemos perceber que através da pesca do camarão essas mulheres já tiveram muitas conquistas principalmente em bens materiais, a maioria já possui casa de alvenaria toda mobiliada, pagam os estudos de seus filhos, assim como vestimentas entre outros de necessidade diária. A comunidade também vem ganhando com a pesca do camarão, foi com incentivo das mulheres que foi resgatado o grupo católicos, através da construção da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia onde as mesmas participam dos cultos e celebrações do calendário religioso durante o ano como podemos ver na foto abaixo

Figura 23: Momento do culto na Igreja Católica da comunidade de Itaperuçú.



Fonte: Rosimeire Monteiro, 2016.

Na figura 6, acima, dona Rosimeire e sua mãe, irmão, padre da paróquia de Baião e suas amigas pescadoras no culto de Domingo, percebemos nesta imagem que as mulheres não vivem apenas para os afazeres da pesca e do lar, tiram o seu tempo para o

momento religioso, onde se reúnem na Igreja da comunidade e participam como celebrantes ou ouvintes e de acordo com suas possibilidades dão suas ajudas.

Outra participação dessas mulheres como já relatei no capítulo anterior é no tradicional festival do camarão, atuando na organização fazendo parte da comissão, infraestrutura, vendas e as moças no desfile da miss camarão. No ano de 2018 as mulheres serão responsáveis por todo evento, mais uma conquista dentro da comunidade, mostrando que elas têm garra e determinação para fazer o melhor pela sua comunidade. A comunidade de Itaperuçu, está próxima à sede municipal, mas as condições educacionais, de atendimento a saúde, de segurança, de habitação, de eletricidade e acesso a informações ainda necessitam de muitas melhorias. A comunidade como as demais do município precisa muito da união de todos para lutarem por estas melhorias e é através do voto que eles dizem ser a melhor forma de luta, mesmo que é um pensamento que nem sempre é valorizado pelos beneficiados, ou seja os eleitos por eles.

A sede da comunidade é semelhante às de várias outras do município, tendo uma Igreja Católica e outra evangélica, um centro social que é um barracão onde é realizado os festejos locais, uma escola, campo de futebol, serviço de abastecimento de água e energia elétrica.

Outro ponto importante da pesquisa é um sentimento de pertença que as pescadoras de camarão têm em relação aos pontos de pesca localizados na área correspondente a comunidade. Esse sentimento de pertença tem relação direta com o fato da origem da pesca do camarão ter ocorrido na localidade, bem como em razão da disputa que ocorre atualmente pelos espaços de captura dos crustáceos nos pontos pesqueiros devido ao aumento do número de pescadoras diante da rentabilidade decorrente dessa pesca. Algumas pescadoras já demonstram preocupação com esta situação:

Não temos acordo de pesca, não temos manejo, não temos nada. Muitas acham que não precisa disso, mas o camarão está diminuindo, os lagos estão ficando pelados, sem plantas na margem, é preciso que a gente faça alguma coisa (Dicelia Monteiro).

A Colônia dos Pescadores Z-34 de Baião, ainda não realiza nenhum trabalho com as pescadoras de camarão. As pescadoras associadas a esta organização, não tem

representatividade da categoria, não participam ativamente. Associaram-se principalmente em razão do registro para recebimento do Seguro Defeso e a futura aposentadoria, mas não discutem sobre seu trabalho e de outras pescadoras que, como elas, possuem demandas específicas em detrimento da atividade de pesca exercida. Consideramos necessária uma articulação que promova o diálogo entre as instituições governamentais que trabalham direta e indiretamente com a pesca.

Desta forma, em meio a roda de conversas com as pescadoras de camarão as mesmas já pensam em formar uma associação em Itaperuçu para que desta forma possam ter seus devidos reconhecimentos e assim como adquirir cursos e o beneficiamento do camarão com a marca de “Camarão de Itaperuçu”.

Discutir e propor alternativas para a busca de solução dos problemas relacionados à Pesca do camarão em Itaperuçu é uma ação que requer planejamento e responsabilidade, pois se trata em lidar com a principal atividade produtiva de mais de 30 (trinta) famílias. Comunidade esta que subsistem há mais de cinquenta anos do trabalho com a pesca e por mais que governos queiram colaborar para melhoria da qualidade das famílias destas localidades, é imprescindível não somente que se conheça seu modo de vida, suas crenças, sua cultura, mas que os escutem e trabalhem em conjunto, em um processo de construção de cidadania.

Este estudo, sem dúvida, será de suma importância para toda comunidade de Itaperuçu, pois, através dos resultados nele obtido, pode-se conhecer a realidade da pescadora de camarão nesta comunidade. As mulheres pescadoras artesanais estão diariamente contribuindo para a movimentação da economia local e sustento de suas famílias, participam ativamente de todas as etapas da cadeia produtiva da pesca do camarão, mas não se auto identificam como pescadoras artesanais de camarão, não tem seu trabalho nem sua identidade trabalhista reconhecida legalmente e, portanto, fica a margem das políticas sociais a qual tem direito. Assim como, a fragmentação de tempo dedicado a pesca não pode ser um fator de impedimento ao reconhecimento e valorização do trabalho feminino, pois esta é uma característica histórica da nossa população ribeirinha, ou seja, a pluriatividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A centralidade deste trabalho, já especificada anteriormente, discorreu sobre as características da comunidade ribeirinha de Itaperuçu em destaque as mulheres pescadoras e vendedora de camarão. Pode observar que a reprodução social desta comunidade passa de geração em geração, é a razão pela qual é considerada a comunidade pesqueira de camarão do município de Baião, uma tradição deixada de pai e mãe para filhos.

No que diz respeito aos aspectos positivos, considero que isso se reflete nas mudanças que ocorreram na comunidade, principalmente quando os entrevistados mencionam que hoje a vida está muito melhor e fácil, se comparando ao passado. Melhorias como água encanada, energia elétrica, saúde, educação, cultura e lazer é uma parte destas conquistas se dá a pesca do camarão principal fonte de renda desta comunidade. Outro aspecto positivo e de fundamental importância foi o posicionamento de muitas mulheres da comunidade, frente aos trabalhos que outrora eram praticados apenas pelos homens, mostrando para sociedade que o lugar da mulher é em todo lugar.

Por outro lado, os aspectos negativos, ainda são muitos como a falta de reconhecimentos das mulheres como pescadoras profissionais, o preconceito sofrido pelas mesmas até na própria comunidade e falta de políticas públicas como saúde, tendo em vista que a comunidade não possui sequer um posto de saúde. Outro problema muito forte é a preocupação dos pescadores e comunidade em geral é em relação ao futuro da pesca, não se tem leis voltadas a preservação do defeso do camarão e as camaroeiras apenas são reconhecidas como pescadoras pelo fato do marido ser pescador. Neste sentido com falta de apoio e projetos se faz necessário que a pesca aconteça durante todo ano.

O camarão vendido na cidade, até hoje não foi tabelado é vendido em com preço estipulado em comum acordo pelas camaroeiras, além de não terem seu lugar específico de venda, ficando expostas ao sol e chuva. Um problema que vem afetando essas mulheres que muitas das vezes já reivindicaram com poder público municipal e até hoje não foram atendidas.

Em uma última conversa com as pescadoras, falam sobre a criação de uma associação de pescadores de camarão de Itaperuçu, para que desta forma possam ser reconhecidos e através de projetos e a união de todos possam futuramente ter um local de beneficiamento do camarão. Esse projeto segundo elas irá melhorar as condições de

vendas do camarão, com um modelo de gestão através da união de todos e todas ao desenvolvimento que iria dar confiabilidade, o respeito e reconhecimento da comunidade de Itaperuçu e assim passar a ser conhecida, como a comunidade onde mulheres e homens pescam camarão e fazem desta sua principal fonte de renda.

Enfim, o que me incentivou a trabalhar nessa linha de pesquisa foi o fato de poder relacionar a vida das mulheres pescadoras camaroeiras da comunidade de Itaperuçu, suas lutas diárias no seu fazer através de todos os procedimentos do pescado buscando o reconhecimento e valorização sobre seu modo de trabalho, exercido como qualquer outra profissão.

Com isso, acredito que possível encontrarmos alternativas que garantam o respeito, sua importância como prática artesanal e amparos legalmente para que essas mulheres possam usufruir de seus direitos, visto como possibilidade que sobrevivência dos familiares. Espero que este possa contribuir significativamente para com essas mulheres pescadoras camaroeiras tendo suas conquistas e reconhecimento de suas histórias de vida entrelaçados na transformação social.

## **FONTES DA PESQUISA**

### **A) FONTES ORAIS:**

Antôia Monteiro, 83 anos aposentada e já foi pescadora e vendedora de camarão.

Celiene Neves, 28 anos de idade vendedora de camarão na cidade de Baião.

Dicelia Monteiro, 36 anos de idade, iniciou a pescar com os pais com 16 anos de idade  
Vendedora de camarão na cidade de Baião.

Elizabete Mendes Vieira, 63 anos, aposentada, hoje não pesca, mas camarão.

José de Nazaré Vieira, 67 anos de idade, 50 anos de pesca, aposentado e pescador.

Leodina Monteiro, 65 anos aposentada e vendedora de camarão na cidade.

Maria Celina das Neves Dias, 41 anos de idade, iniciou a pescar com 17 anos,  
vendedora de camarão na cidade de Baião.

Manoel de vera cruz Neves Dias, 68 anos de Idade um dos pescadores mais velhos da  
comunidade.

Maria de Lurdes Viana de carvalho, 63 anos aposentada e vendedora de camarão na  
cidade de Baião.

Micelene da Silva Cabral, 38 anos vendedora de camarão na cidade de Baião.

Maria Nate da Silva Souza Rodrigues, 71 anos aposentada, foi seringueira, pescadora e  
vendedora de Camarão.

Rosimeire Monteiro, 44 anos, 4 filhos pescadora e vendedora de camarão na cidade de  
Baião.

Rosivaldo Monteiro, 39 anos, 2 filhos Presidente da Comunidade de Itaperuçu.

### **B) FONTES IMAGÉTICAS:**

Imagens fotográficas feitas no decorrer da pesquisa.

Imagens fotográficas dos acervos familiares.

### **C) FONTES BIBLIOGRAFICAS:**

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo:  
Centauro, 2006.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 44, 2002. São Paulo: USP/Instituto de Estudos Avançados. ago. 2001.

OLIVEIRA, Wendel de Souza. Efeito da proporção sexual no comportamento reprodutivo do camarão-de-água-doce *macrobrachium amazonicum* em cativeiro. 2010, 43f. Dissertação (Mestrado em Ciências Pesqueiras nos Trópicos) Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

RAMOS, Sandoval Coêlho. Baião: a história de um Município-Valente gráfica e editora Belém Pará ano 2009. 78 p)

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. 9ª Ed. Ver. Manaus: Editora Valer/Edições do Governo do Estado, 2000.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO-DIAS, M. Breves Notas sobre a História da Pesca. Biologia Marinha.FCMA-Universidade do Algarve. 2007.

ABDALLAH, P. R. & Castello, J. P. O momento de repensar a economia pesqueira no Brasil. Comciencia. SBPC/Labjor Brasil. Rio Grande, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In. Os pensadores. São Paulo: abril Cultural, 1980.

DIEGUES A. C. S. 1993 *Realidades e falácias sobre pescadores artesanais*, São Paulo, CEMAR-USP, série documentos e relatórios de pesquisa.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV. Miséria em queda: Mensuração, monitoramento e metas. Centro de Políticas Sociais da FGV. Rio de Janeiro, 2004.

GOES, Lidiane de Oliveira. *Os usos da nomeação mulher pescadora no cotidiano de homens e mulheres que atuam na pesca artesanal*. 2008, 208f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Deborah (Org.). Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: Perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. Manaus: Ibama, ProVárzea, 2005.

MAIA, P. A. A. O impacto dos programas de participação nos lucros ou resultados (PLRS) sobre o comprometimento e motivação dos trabalhadores no âmbito das cooperativas de eletrificação rural do Rio Grande do Sul: estudos de caso da CERTAJA, CERTEL E CRELUZ. 2003. 165 f. Dissertação (Mestrado em Administração) -- Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2003.

MPA. Boletim estatístico da pesca e aquicultura - Brasil 2010. 2010

MANESCHY, Maria Cristina; ÁLVARES, Maria Luzia Mendonça. *Mulheres na pesca: trabalho e lutas por reconhecimento em diferentes contextos*. Revista eletrônica Coletiva, nº 01, JUL/AGO/SET, 2010.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 44, 2002. São Paulo: USP/Instituto de Estudos Avançados. ago. 2001.

MPA. Boletim estatístico da pesca e aquicultura - Brasil 2010. 2010.

NAVARRO, E. A. Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 3ª edição. São Paulo. Global. 2005. 463 p.

OLIVEIRA, Wendel de Souza. Efeito da proporção sexual no comportamento reprodutivo do camarão-de-água-doce *macrobrachium amazonicum* em cativeiro. 2010, 43f. Dissertação (Mestrado em Ciências Pesqueiras nos Trópicos) Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

OLIVEIRA, Wendel de Souza. Efeito da proporção sexual no comportamento reprodutivo do camarão-de-água-doce *macrobrachium amazonicum* em cativeiro. 2010, 43f. Dissertação (Mestrado em Ciências Pesqueiras nos Trópicos) Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

PATERNIANI, Ernesto. Agricultura sustentável nos trópicos. Estudos Avançados, 2001.

RAMOS, Sandoval Coêlho. Baião: a história de um Município-Valente gráfica e editora Belém Pará ano 2009. 78 p)

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. 9ª Ed. Ver. Manaus: Editora Valer/Edições do Governo do Estado, 2000.